

O ACADEMICO

---

VOL. I



RP

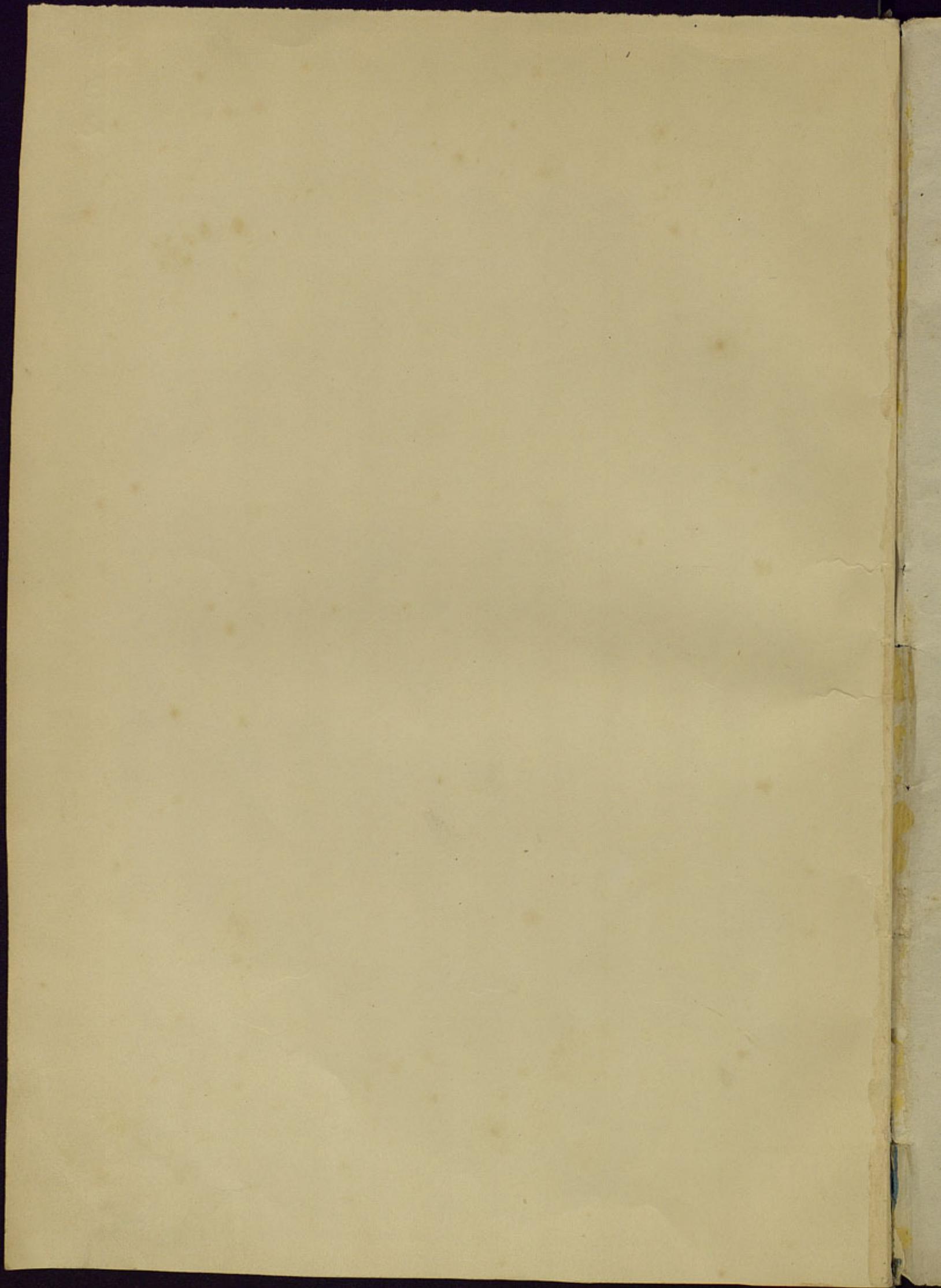
3

2

ISMAEL A. CHUVAS  
ENCADERNADOR  
C. DOS APOSTOLOS  
COIMBRA

S  
s

RP  
3  
2



329  
—  
perc.

# O ACADEMICO

—

VOLUME I

O ACADEMICO

VOLUME I

# O ACADEMICO



PUBLICAÇÃO SCIENTIFICA E LITTERARIA

REDIGIDA POR

JOÃO DE DEUS RAMOS, EDUARDO JOSÉ COELHO,  
ANTERO TARQUINIO DO QUENTAL, EUGENIO ARNALDO DE BARROS RIBEIRO,  
ALBERTO DA CUNHA SAMPAIO,  
ALBERTO TELLES DE UTRA-MACHADO,  
FRANCISCO FERNANDES DE GUIMARÃES FONSECA,  
SEVERINO DE SOUZA AZEVEDO, JOSÉ MARIA DA CUNHA SEIXAS.



COIMBRA  
IMPRESA DA UNIVERSIDADE  
1860



La philosophie trouve le peuple préparé par le journal à comprendre le nouveau dogme de fraternité; elle sort du mysticisme de l'école pour traiter avec le sens commun; elle consent à être populaire, pratique, communicative, éclectique dans la véritable acception de l'idée; elle congédie à jamais la doctrine brutale de la sensation, cette mort métaphysique de l'intelligence; elle proclame la doctrine du progrès, la révélation continue de l'histoire, l'inspiration divine de la raison, la religion permanente de l'humanité.

PELLETAN.

## INTRODUÇÃO



Quem do escasso patrimonio que possui reparte com o seu irmão — faz, sem dúvida, uma obra meritoria aos olhos de Deus, e acquista o louvor da sua consciencia.

Enthesourando para os outros algumas preciosidades, havidas d'um legado immenso, que a todos deixára o trabalho benefico dos homens illustres pela sciencia e pelas artes; acceitando o encargo de satisfazer os deveres d'aquella herança grandiosa, encargo nobre que auxilia o desejo dos seus bemfeitores; elle é digno do bom acolhimento d'uns, e do beneplacito e agradecimento de todos.

A herança da humanidade, o legado do homem, que procura a felicidade, ao homem que a deseja, é o amor ao seu aperfeiçoamento, é o feudo da intelligencia ao engrandecimento da sua ventura; e o que emprega bem aquelle thesouro, comprado á custa de tantos sacrificios, póde desejar a benção de quem para seu dominio o adquiriu.

Ninguem nos reprehenderá, pois, se formos depositar o que havemos como liberalidade de nossos protectores, — dos que se dedicaram e dedicam ao futuro de seus semelhantes — nas mãos de seu verdadeiro senhor.

A offrenda, ainda, que não seja valiosa, nem porisso é inutil; e o ACADEMICO, encarregando-se de apresental-a a seus amigos, merece, não a repulsa desdenhosa e cruel, mas a bemquerença, que sempre dá um coração generoso.

Se alguém nos arguir de pobres, pelo pouco que realmente damos, não nos accusará de injustos, porque o presente, se de tenue preço, ha de ser dedicado e muito.

O ACADEMICO dá em prol da sua boa acolhida a ideia de abraçar em seu gremio as sanctas aspirações da geração nova, tendentes a facultar a instrucção ao povo e a regeneral-o, a fim de que elle consiga o seu virtuoso destino, o de não ser reputado como uma classe infima, porém como a classe primeira e verdadeiramente *unica*; aspirações e desejos estes, que tanto ennobrecem a epocha em que vivemos, e que são incontestavelmente o timbre mais glorioso do seculo desenove.

Ora, para cumprir esta missão caridosa e proficua, não se tornam essenciaes grandes recursos de talento extraordinario;—basta uma vontade energica, e apurada no trabalho, e um coração dedicado com todas as véras á liberdade dos que soffrem.

E essa vontade e esse coração havemos nós, porque desejámos o grande dia da «egualdade para todos,» e conhecemos que não se póde chegar lá sem o aperfeiçoamento moral de todos.

Se, como de facto, não conseguirmos muito, resta-nos a consolação de cooperarmos com os outros que mais valerem; e se não servir a pedra para o grande edificio da civilisação commum, não teremos de reprimir-nos pela nossa inactividade.

## O SECULO (a)

Ce siècle est grand et fort; un noble instinct le mène;  
Partout on voit marcher l'idée en mission;  
Et le bruit du travail, plein de parole humaine,  
Se mêle au bruit divin de la création.

VICTOR HUGO.

**E**stamos em pleno seculo XIX.

A humanidade nas suas incessantes evoluções, caminho do progresso, tem conquistado pouco e pouco, estadio por estadio, o campo do seu engrandecimento moral e material.

Algumas vezes parece suspender-se; mas se com a luz da intelligencia attentâmos bem na infinidade de elementos novos, que diariamente vae enthésourando, como rio immenso que recebe de continuo os feudos d'outros mais pequenos e com elles se agiganta, concluiremos que no seu descanso, apparente ha tambem a realisação d'um progresso.

Os meios por que se cumpre a lei do progresso são a revolução e a paz: a primeira para se fundarem novas fórmas; a segunda porque, destruidos que sejam os tropeços que empeciam a sociedade, se faz mistér vivificar, perpetuar e radicar nos costumes e nas instituições as verdades e as conquistas alcançadas.

Assim que a humanidade, quer violenta, quer pacificamente, caminha, civilisando-se sempre.

Quando o eloquentissimo philosopho Eugenio Pelletan na sua—Profissão de fé do seculo XIX—ou antes na magnifica epopeia da historia universal,

(a) Este artigo é um desinvolvimento das ideias do prospecto da REVISTA DO MONDEGO, que, como sabem os nossos leitores, se fundiu no ACADEMICO.

que elle escreveu com penna de ouro e com inspiração d'um verdadeiro poeta, faz tão altos encomios a este seculo, não exaggera a verdade.

Muitas virtudes o abrilhantam e fallarão por elle na historia perante o porvir.

A caridade, essa nova virtude que o christianismo implantou nas sociedades modernas, é hoje um dogma encarnado no seio das nossas ideias e costumes.

As questões, os systemas politico-sociaes, que todos os espiritos agitam, e por ahí correm com diferentes nomes, com quanto esperam ainda uma solução, sem dúvida se devem considerar como um outro testemunho das virtudes e dos sentimentos christãos, que fazem a gloria incomparavel d'estes nossos tempos.

A nobilitação dos proletarios, o reconhecimento da sua personalidade perante a justiça, o culto do trabalho, pelo qual o homem se torna verdadeiro senhor do mundo e auctor d'uma nova criação, operada pelas suas forças, eis outros tantos dogmas conquistados pelo progresso, outras tantas victorias alcançadas pela razão sôbre a auctoridade, pelo espirito sôbre a materia.

É que este seculo, porisso que é o ultimo na ordem do tempo, é o primeiro na ordem da perfeição. Todos os outros lhe beijam as plantas ao offerirem-lhe as gloriosas conquistas da sua civilização relativa.

Mas a par d'esta opulencia de grandezas e virtudes, que formam um diadema brilhante á humanidade, grandes vicios mareiam e escurecem o quadro a ponto tal, que se perturba e confunde o espirito em face de tão pungentes contradicções na historia.

A corrupção e a immoralidade invadiram quasi todas as classes; a virtude sente-se muitas vezes oppressa sôb o pêsso da iniquidade triumphante. Vergonha é confessal-o, mas é certo que se ridiculisa sem pundonor nem moderação o que ha de mais sagrado. A sêde dos gosos materiaes supplantou os mais puros e nobres sentimentos da natureza humana, e o espirito sente-se desfallecer e ceder o passo ás ovações pomposas da materia.

Embalde os philosophos e os poetas mais cultos e abalisados têm feito energeticos protestos em páginas, que sempre respeitará o poder da morte, contra tão vergonhosa postergação do que de ha de mais sublime no homem.

A maré sóbe assombrosa, e ameaça submergir tudo no lodaçal impuro do materialismo desfaçado.

«O estado moral da sociedade actual é na verdade mui proprio para fazer descorçoar sôbre os destinos da humanidade os espiritos de debil fé e razão vacillante. Emancipou-se a vontade ao mesmo tempo que a intelligencia das mantilhas d'uma religião oppressiva e incompleta; mas lançou-se no extremo opposto, consagrando o principio immoral do egoismo e do interesse pessoal.

O egoismo reina hoje em todas as espheras sociaes; e as grandes ideias com que o acobertam não são mais do que a mascara do mais vil interesse.

O padre não mira já ao bem da religião; antes se faz assalariador e seductor. O sabio trafica com a sciencia, dando de mão aos mais absolutos principios, quando se oppõem aos interesses da classe, que o applaude e lhe paga. O artista põe ao serviço da riqueza o seu pincel; e depois de ter por largo tempo reclamado a liberdade, escravizou-se a um gôsto falsissimo, e perdeu até o sentimento da belleza divina. O homem industrioso não tem por alvo o libertamento do genero humano; é elle, ao inverso, que se fez o campeão do principio da expoliação do homem pelo homem, ou antes da submissão do homem ás forças cegas da natureza. A anarchia reina no commercio entregue ao duplo flagello da concorrência e do monopolio; a má fé, ou para melhor dizer, o roubo tornou-se, n'este ramo da actividade humana, a regra de proceder geralmente adoptada. Em quanto á moralidade, acha-se eclipsada pelo excesso universal das paixões, e é com muita justiça que a nossa época tem sido comparada com a que precedeu a vinda do christianismo, e que marcou a queda do imperio romano (a).»

É grande com effeito o desprezo de todos os deveres!

Não extranhemos todavia, que a nossa época assim se apresente d'um lado tão subida em virtudes, e d'outro tão carregada em miserias; porque é ella evidentemente de transição, e por isso uma quadra dolorosa.

Mas inclinaremos a cabeça sem esperanza e sem força ante o mal que assim se patenteia?

Seria condemnar a humanidade a um espantoso suicidio!

Não: a historia do passado será a lição do futuro; e ella diz-nos que as gerações se salvam pelas ideias, cujo imperio sóbe tanto de ponto, de quando em quando, que vence os maiores embarços.

Serão pois as ideias a nossa salvação.

Já que vemos o homem esquecer a belleza divina e baixar ás máculas da terra, tentemos erguel-o.

Á arte, sendo como é a mais ideal e divina manifestação do genio humano, cumpre pôr barreiras a tão indignas impurezas.

É esta a sua missão; tradições gloriosas lh'o aconselham, e hão de alentar as esperanças d'aquelles que têm alma, para resistir aos máus impulsos.

A empresa não excede as forças humanas; só é proprio da actividade do homem aquillo que corresponde ás suas faculdades; é porisso que o excesso que d'ellas se faz, tendendo sempre a destruil-as ou damnifical-as, não póde deixar de ser transitorio.

(a) A. DARIMON. Exposition methodique des principes de l'organisation sociale, théorie de Krause, c. II.

Ora, vae já longe o tempo em que as refórmãs se operavam pelo milagre; hoje impõem-se pelo culto das ideias e dos sentimentos mais elevados e nobres, que o Creador depositou na alma humana.

Eia pois, elevemo-nos pela ideia; comprehendamos que: «nem só de pão vive o homem, mas de toda a palavra de Deus,» como pregou o Evangelho: esforcemo-nos por mostrar que, acima de grosseiros interesses, se alteia pura sempre e altiva a ideia de immortalidade, e que esta ideia deve dominar as acções humanas, dando-lhes uma direcção mais espiritual e sublime.

Levantemos aras á razão no intimo da nossa alma; purifiquemos a nossa vontade das más paixões, que a perturbam no proseguimento do nosso fim; sacrifiquemos á liberdade, que é a isenção do mal e a práctica da virtude com intelligencia; emfim, como diz S. Paulo, libertemo-nos do peccado e tornemo-nos escravos da justiça.

Só assim é que este seculo pode deixar ás gerações futuras um testamento digno d'elle, testamento de valia incomparavel, porque é gravado em lettras indeleveis no coração da humanidade.

JOSÉ SEIXAS

---

## O QUE SOMOS

Non in solo pane vivit homo, sed in omni  
verbo, quod procedit de ore Dei.

EVANGELHO

I

«Acima do homem está Deus, e depois a posteridade.»

Não vae n'isto mais que o pensamento d'um grande sabio.

Ignorando as paixões violentas, que lhe embalaram o berço, quando á voz do «Omnipotente» surgiu do limo, que o precedêra na existencia; despertando d'um somno mysterioso, em que jazia immerso desde o principio dos seculos, como a palavra do Eterno, como o «fiat» da creação; absorto nos primeiros gozos, que lhe inebriaram a vida em todo o seu frescor matutino, em todo o seu brilho da alvorada dos primeiros dias; — o homem apreciára o «ser» pelo encanto do paraizo d'aquelle gozar de innocencia, e de esperanza.

Não haveria ensejo mais propicio para se entregar ao gôzo dos sentidos, ávidos de prazeres deliciosos, do que no despontar da *vida*, em que a natureza viridante e bella, com todas as galas nativas d'aquella louçania primeva, o deslumbrava na sua contemplação extatica.

Mas o pensamento, luta gigantea entre a materia e o espirito, vislumbrava-lhe acima dos gozos da terra alguma coisa mais nobre e mais elevada do que o variegado das flores da vida, do que o brilhantismo do fulgor do sol.

E havia no aspirar á immensidade do primeiro vôo da intelligencia um perfeito vaticinio do porvir do homem. As futuras edades o demonstraram, quando, depois de haver tocado no pomo prohibido, elle conheceu do que seria capaz a intelligencia creada.

Mas o presentimento íntimo, fatídico sempre, a voz da reflexão, que elucida ainda no crepusculo do seu dia com pallido reverbero os desejos da alma, disse-lhe em má hora: « a sciencia do bem e do mal ha de ser a tua ruina. »

Seria justo aquelle prophético aviso, cujo anhelô era o retardamento da illustração humana?

Vejamô.— A victima da sua obra é o operario, que, lutando contra a imperfeição propria ou alheia, succumbe allim aos reiterados esforços d'ella.

Nas páginas de sangue, onde está escripto o progresso da humanidade, é tambem firmada esta verdade terrivel.

O proprio « Deus » se quiz assumir o involucro do limo, quiz despil-o sôbre os espinhos do martyr.

Da cruz desprende seu vôo d'aguia a civilização dos seculos.

Espantar-nos-hia porém essa lei da perfectibilidade, se não attentassemos, que antes que o lenho fragil da vontade e da intelligencia abique á terra da promissão, ha de passar mares procellosos, onde a taboa do naufrago é o amor da ideia e dos seus beneficos resultados, é a adhesão natural ao engrandecimento do homem,— é Deus e a posteridade.

Está portanto explicado o anathema lançado pela consciencia ao arrojado desejo de tocar na arvore vedada.

O primeiro, que deu livre curso ao pensamento, devia por certo ser tambem a primeira victima do seu predestinado amor á perfeição.

Nada podia conter, ainda assim, o aspirar ao summo bem, o anhelô do optimismo racional, porque identificado na essencia do homem destruil-o-hia primeiro o obstaculo poderoso, que o estorvasse, sem comtudo o impedir de caminhar, até ao seu ultimo arranco, na vereda escabrosa do progresso e da felicidade.

## II

Liberalize a fortuna mais pródiga seus bens sem numero ao que deseja encher o vazio immenso do coração; dê-lhe o thesouro mais subido, que tiver n'esses escondrijos, ainda não vulgados á indagação do homem; dos seus valores deslumbrantes, do requinte de tudo o que é grande, excelso e magestoso, do fascinar mesmo d'aquelle luzidissimo cortejo de prosperidades e delicias sâe um desalento mesto e sombrio, como o véo negro, que empanna o fulgor da estrella, como a esperanza, que se extingue ao halito da morte.

Então o martyr de aspirações infinitas procura no mysticismo uma expli-  
cação áquelle ancian incessante, uma razão d'aquelle offegar soffregô da von-

tade insaciavel, e encontra, como complemento de todos os seus anhelos e sonhadas venturas — a immortalidade e Deus!

A perfeição suprema dá, em verdade, a explicação, « que satisfaz, » d'essas palavras sacrosantas; e assim para ellas tende o espirito nas evoluções não interrompidas do cogitar e querer; mas concebe-se, que na imperfeição do ente, que não deve o principio a si, no acanhado recinto, onde se debate preza esta intelligencia emprehendedora, não entra « á vontade » a sciencia mysteriosa do infinito e increado, do eterno e absoluto.

D'ahi o pretender-se explicar a vida sem fim, a vida felicissima, pelo maximo desinvolvimento das faculdades humanas, e pela quasi equiparação do homem á Divindade.

Seria bem alcunhada de orgulhosa esta desvairada philosophia — dizem — só desculpavel pelo esto febricitante, e louco enthusiasmo de quem deseja inventar verdades?

E n'isso vae tambem destruida a opinião, accusada de absurda, d'elles, que houveram a louca jactancia de quererem comprehender o incomprehensivel?

— Praguentos ruins, que nos mergulhem mais no insignificante nada de nossa natureza e forças, não faltam n'esses, que em qualquer indagação d'um principio ou causa, logicamente somenos, vão logo recorrer ao enigma para explicar a coisa menos mysteriosa, que se lhes apresenta.

Que a outra vida seja um symbolo para indicar a summa felicidade n'esta, que seja uma prophacia do que virá a ser o futuro da humanidade, não o asseverámos nós, porque nos falta o conhecimento da essencia do homem, e por conseguinte do seu poder, como o da essencia de tudo o que é, e ha de existir; mas que, pelo progredir das gerações no aperfeiçoamento incessante, se póde aspirar a um estado de suprema ventura — isso é uma crença, que ninguem nol-a riscará do coração.

No transmutar das edades não se póde ajuizar do futuro das gerações. A historia, se em páginas verdadeiras nos amostta a lição incontestavel do passado, se nos diversos cataclysmos, que tem soffrido a humanidade, quasi que nos dá uma prova da inefficacia dos arrojados desejos do homem, — tambem nos afiança, que dos vestigios fundos, que deixaram as revoluções moraes e materiaes, lá saíu como compensação necessaria, a victoria da ideia e a victoria da arte.

Resume-se no trabalho e na superação do obstaculo a maxima necessidade de tudo o que se aperfeiçoa. Assim as grandes forças da natureza tendem no conflicto commum não a destruir-se barbara e desordenadamente, mas a fortalecerem-se para depois consolidarem melhor a paz e a ordem.

Não vos pareceu mais bello e mais brilhante o astro da luz, quando

rompendo a densa névoa, que lhe offuscava o esplendor, surgiu radiante de toda a sua obumbrada formosura?

Ou quando, caminhando por cima do trovão e do raio, quasi vencido por aquelle incendiar do espaço, ou quasi mergulhado na escuridão immensa da procella, impelliu com a força do seu imperio as massas nebulosas, que lhe antemuravam o dominio de rei, ou eclipsou com o fulgor da sua luz deslumbrante o fuzilar sinistro do relampago?

—É que o sol é a expressão da vontade do Eterno!

Assim o homem, gigante collocado entre as ruínas dos tempos, vê desmoronar-se pedra por pedra o grande edificio da sua obra; vê abatidos no pó, que os formára, esses emblemas do seu poder colossal; vê derribados pelo pé dos seculos tantos marcos de gloria e de grandeza, com que elle eternizára a sua passagem pelo universo; e da natureza, que lhe manda a morte, e da intelligencia, que lhe pede a vida, prevalece a soberana aspiração á gloria e á immortalidade.

É que a mão do « Omnipotente » para gravar o nome no grande livro da criação, teve primeiro de perlustrar todas as suas páginas, desde a menos eloquente até á mais sublime, e quando leu o extremo pensamento da sua concepção magestosa — formou o homem.

Infinito como o anelo á perfeição de tudo o que começou de « ser » — esse milagre dos esforços reiterados da natureza, passou primeiro por todas as phases do progresso, antes que chegasse a tocar o estado de superioridade, em que ora o vemos.

Nem admira, porque o artefacto mais simples quasi sempre sóe nascer imperfeitissimo, e da vontade e estudo do operario lhe vem após o melhor e mais subido valor.

E em tudo é assim.

Sem ser necessario estudar o que nos seja estranho e obscuro, basta a reflexão sôbre os nossos actos de somenos valia, para conhecermos que, na sua origem, tudo marcha do simples para o composto, do pequeno para o grande, do pouco para o mui perfectivel.

As leis da intelligencia são essencialmente dispostas assim, e ninguem duvida de que o mundo, ordem invariavel dos elementos, que o constituem, é regulado por leis analogas.

Portanto, não nos degradaremos se fôrmos buscar o homem a uma origem tanto mais infima, quanto o seu estado actual é mais superno.

## A PENA

A MINHA MÃE A EX.<sup>ma</sup> SR.<sup>a</sup> D. VIOLANTE TELLES

«Entre os nobres conventos que a Sagrada Ordem de S. Jeronymo tem n'este Reino, é o da Pena o mais celebre pela vista, o mais delicioso pelos fructos, arvores, flores e fontes, que n'elle ha.»

Fr. Agostinho de Sancta Maria, *Sanctuario Mariano*, tom. II, cap. XV.

### I

A diversa perspectiva, que a serra de Cintra apresenta ao rasgar da manhã e ao cair da noite, ter-vos-hia, de certo, impressionado vivamente, se já visitastes Cintra, e muito mais, se á natural curiosidade do viajante alliaes a phantasia creadora do poeta. Dá a lembrar, involta, pela madrugada, em seu manto de nevoa, a lasciva donzella do Oriente, que aos olhos do caminhante solitario occulta suas graças com o sendal voluptuoso: vêde-a porém ao cerrar da noite, quando as nuvens, baixando em rôlos negros e condensados, vêm mansamente pousar nos agudissimos pinaculos d'aquellas soberbas serranias, erguidos com altivez no espaço, quaes vultos encapotados de gigantes, que vos amedrontam de longe; e dízei-me, se a serra não se vos afigura bando ameaçador de malfeitores, da estatura d'aquelles afamados heróes, que ousaram, no auge de sua loucura, tentar a escalada do Olympo.

Aqui vinha caindo agora uma longa dissertação historica e chronologica ácerca do nome d'esta serra, a qual omittimos, por em quanto, para não enfadarmos quem lê; deixando-a pois para outra occasião mais prospera e menos arriscada a perder a benevolencia do *candido leitor* (soffra-se-me a singela phrase das nossas antigas chronicas), caminhemos depressa para a encantadóra Pena.

Eil-a arrogante e magestosa, elevada tres mil pés acima do nivel dos mares! Eil-a assoberbando a villa com o ar senhoril d'um castello-roqueiro! «D'uma e outra parte correm quintas, que cercam os outeiros, e valle em roda, algumas de bom edificio, outras mais ao natural; todas ricas de bosques e pomares, e cercadas de suas vinhas, com que a mór parte do anno mantem o valle uma frescura e verdura perpétua. Fica o convento senho-reando todas com a capacidade e mais grandeza, e como pagando-lhes com sua sombra o ornamento, que recebe da companhia e boa vizinhança d'ellas (a).» Isto, que dizia o nosso mellifluo *Fr. Luiz de Sousa* do seu convento de Bemfica, podemos nós dizer, com egual exactidão, da Pena.—Leitores do ACADEMICO, que ainda a não vistes, e que só a conheceis pelas narrações dos viajantes, idealizae-a por uma linda manhã do mez d'Agosto. Entornae-lhe por cima todas as flores da mais rica imaginação, e olhae em de redor (pois bem merecem estes logares um emprêgo de olhos). São tudo bellezas, tudo encantos, tudo maravilhas! Tudo prende os sentidos e enleva a alma; não só o magestoso do edificio, senão o sublime do panorama, que se desenrola de sôbre aquellas alturas vizinhas do céu. Ao perto, a serra, carregada e sombria d'um lado, com os seus escuros penedos a treparem pelo declivio; do outro graciosa e louçã com seus frondosos e perfumados arvoredos. Ao longe, a serra d'Arrabida, azulada pela distancia; as elegantes cúpulas de Mafra, desenhando-se com galhardia varonil nas orlas do horizonte; e mais longe ainda a foz do Tejo, com os dois guardas carrancudos, que vi-giam noite e dia pela sua formosa rainha, assentada, como a cidade dos Cesares, n'um throno de sete montanhas. E todas estas e outras cousas, que o pincel reproduz, e que á penna não é dado descrever, lhe dão tamanho realce e lhe augmentam por tal arte os encantos, que só os poderá bem apreciar, quem, como eu, passar alli horas inteiras, de tudo esquecido e todo absorto n'aquelle magestoso quadro.—Agora entrae no Palacio, e vos sentis abalados da mesma admiração; tudo vos surprehende, attráe, assombra, espanta; assim a capella e as obras recentes, que em nada desdizem das antigas, como os aposentos de Sua Magestade, ataviados com mil preciosas curiosidades, como é de uso em todas as suas *artísticas* habitações. Descei ao parque, e tudo vos encanta igualmente; colhei uma flor de seus deliciosos jardins, e ide sentar-vos uma hora, á sombra, na *Fonte dos Passarinhos*. Vêde em seguida o lindissimo lago com sua ilhota no meio, viveiro, e seu barquinho. E para realçar os toques d'este painel magnifico, ajunctae-lhe a variedade d'aquelle paisagem tão amena, a pureza d'aquelles ares, e a formosura d'aquelles sitios, onde os mimos da natureza e os primores da archi-

(a) Chronica de S. Domingos, t. II, l. II, cap. III, pag. 53.

itectura, ligados a mui curiosas tradições, se dão as mãos e se enlaçam como as tres graças da Mythologia.

Ahi tendes a Pena—primeira das maravilhas da risonha Cintra, que os estrangeiros admiram com pasmo, e que os nacionaes presam como a joia mais preciosa de Portugal.

Aqui tendes por que o Principe de Lichnowski lhe chamou *o sitio mais bello do universo*; e Byron a eternisou nas harmoniosas cordas do seu plectro divino.

Ahi tendes uma página sublime da historia d'um povo de heróes, que fulgurou como um meteóro brilhante, para depois parar em seu gyro luminoso, e repousar emfim á sombra de seus immortaes laureis.

Ahi tendes o padrão verdadeiro das nossas glorias d'outros tempos, que a má estrella d'esta nossa boa terra permittiu corresse mais breves e accelerados, do que não remissos e vagarosos, como são quasi sempre os de cruel provação; sim, em dous annos descobre o Gama novo caminho para a India; e por sessenta nos opprime com suas garras o-Leão de Castella. Mas essas eras passaram, deixando após si apenas a gloria por todo legado e algumas obras grandiosas, que a incuria dos governos tem deixado arruinar e cair.

Todavia o proverbial desleixo, que vae lentamente acabando com tudo o que ha de bom n'este *paiz de barbaros*, como n'um momento de indignação lhe chamou Almeida-Garrett, não lembra, mercê de Deus, debaixo d'aquellas abóbadas, e á sombra d'aquellas elevadas e arrendadas torres. Monarcha de esclarecido entendimento, o Senhor D. Fernando, em cuja frente tão bem assenta a corôa do artista sôbre o diadema real, tem sabido, não só preservar este magnifico edificio do contagioso mal, que affecta a generalidade das nossas boas cousas, mas, o que é mais, acrescentar e embellezar com aquelle esmerado gôsto, que é uma das feições caracteristicas do seu raro talento (a); assim que o humilde conventinho dos monges de S. Jeronymo se transformou em verdadeiro castello feudal, se não em encantado palacio de fadas, pois uma e outra coisa, em verdade, se lhe pôde chamar.

Agora me occorre uma lembrança.

(a) Eis em seguida o retrato d'este grande Principe, que o sr. Antonio Feliciano de Castilho traçou com mão de mestre: — «Filho da boa terra allemã, diz o illustre poeta, tão fecunda em varões; creado lá aos peitos de todas as virtudes, e não tendo para as aprender mais do que reler a historia domestica; doutrinado, em todas as coisas massicas e proveitosas, por mestres, que reputavam a sciencia pelo primeiro dever do homem depois do da moral; tal sabiu o pae de nossos... Principes, que a realza ficou sendo o minimo de seus lustres...: a historia o descreverá, honesto, fiel, religioso; bom parente, bom marido, bom pae; sabio e estudioso; incansavel no anear o bem, simples nos gostos e costumes; soccorredor de infelizes, esforcador de engenhos; completo allemão e completo portuguez n'um só individuo. Os seus amores para com a agricultura, para com a industria, para com a lingua e lettras d'esta sua patria, taes mostras devem dar de si com o tempo, segundo são fortes em sua alma, que a sua chronica (querendo Deus) ficará escripta nos corações do povo.»

Dizem da sua Sevilha os nossos visinhos Hespanhoes:

*Quem não viu Sevilha  
Não viu maravilha.*

E os Italianos da sua Napoles:

*Napoles vér  
Depois morrer.*

E o que uns e outros cantam das suas mais bellas cidades não o devêramos nós applicar á nossa Cintra?

Oh Cintra! oh saudosissimo retiro,  
Onde se esquecem mágnas, onde folga  
De se olvidar no seio á natureza  
Pensamento que embala adormecido  
O sussurro das folhas, co' o murmuro  
Das despenhadas lymphas misturado!  
Quem descaçado á fresca sombra tua  
Sonhou senão venturas? Quem sentado  
No musgo de tuas rocas escarpadas,  
Espairecendo os olhos satisfeitos  
Por céus, por mares, por montanhas, prados,  
Por quanto ha hi mais bello no universo,  
Não sentiu arrobar-se-lhe a existencia,  
Poisar-lhe o coração suavemente  
Sôbre esquecidas penas, amarguras,  
Ancias, lavor da vida?

A. T. DE UTRA-MACHADO

## GASPAR



Ora; se eu não sei quem foi teu pae!  
Fidalgo: sei perfeitamente bem.  
O que eu não sei, Gaspar, é o que vem  
A esta vida fazer quem já lá vae.

Já se vê que é aos paes que a gente sáe.  
Tal pae, tal filho. Sim, duvida alguém  
Que um pae se é como o teu homem de bem,  
Tu és homem de bem como teu pae?

Não ha ninguem que possa duvidar;  
Mas queres um conselho que te eu dou?  
Não bulas n'isso, cala-te, Gaspar;

Que eu cá por mim bem sabes como eu sou;  
Mas é que outro talvez mande tirar  
Certidão de baptismo a teu avô.

JOÃO DE DEUS

## A DEUS

AO MEU AMIGO FRANCISCO DE PAULA ALBANO DA SILVEIRA PINTO

On-dit que sur les coeurs, pleins de trouble e d'effroi,  
Vôtre grace s'épanche,  
Soutenez-moi, Seigneur! Seigneur, soutenez-moi,  
Car je sens que tout penche!...

VICTOR HUGO

Eis para sempre perdido  
Esse futuro anhelado;  
Eis no pó, eis abatido  
Esse palacio encantado!  
Eis por terra esses castellos,  
Colossaes, ricos e bellos,  
Filhos do meu pensamento!  
Eis d'uma vez dissipados  
Meus lindos sonhos doirados,  
Mais volueis, do que o vento!

Sympathizou a desgraça  
Comigo desde criança;  
D'ella o fel e a negra taça  
Me couberam como herança!  
Acalentou-me em seus braços,  
Deu-me beijos, deu-me abraços,  
Foi-me fiel companheira  
Sôbre as vagas do oceano;  
E no sólo Americano  
Foi a minha hospitaleira!

Voltei á patria mendigo,  
Acompanhou-me tambem;  
Derramou prantos comigo  
Na campa de minha mãe!  
Comigo sentou-se á mesa,  
Rica d'amor e pobreza  
Da mais penosa orphandade!  
Agora, mais desabrida,  
Faz-me descrer d'esta vida,  
Dos homens e d'amisade!...

Tu, que és Sabio, Grande e Forte,  
Deus, Senhor, que assim te chamas;  
Tu, que presides á sorte,  
Por sôbre um orbe de flammás,  
Dos mundos que te rodeiam;  
A quem os crentes nomeiam  
— Padre, Filho, Espirito-Sancto,  
Vida, Amor, Summa Doçura...  
Dá-me uma hora de ventura,  
Uma só, se pôdes tanto!...

Vês, que sou da tua essencia  
Uma fracção pequenina;  
E que já na adolescencia  
No meu coração domina  
O monstro do scepticismo!...  
Bem vês n'um tragico abysmo  
A minh'alma a despenhar-se;  
E n'este vacuo de horror  
Pouco a pouco o meu amor  
Para sempre evaporar-se!...

D'esse pois logar superno,  
Centro de espheras sem fim,  
Estende o teu braço eterno;  
Senhor, lembra-te de mim!

## O ACADEMICO

Desvia p'ra longe a morte,  
Que esvoaça sôbre o corte  
Do punhal d'um suicida!  
Cerra-me o carcere maldito,  
Onde o réprobo, o precito  
Expia os crimes da vida!...

Senhor, Senhor! piedade  
Para um pobre desgraçado!  
Um pouco de caridade  
Para quem se vê curvado  
Sob um destino infernal!  
Afasta o genio do mal,  
Que paira e derrama a ira  
Sôbre a cabeça innocente  
De quem, ó Deus clemente,  
Só te adora, e te admira!...

## A DUVEDA

Nôtre plus lourd fardeau, nôtre pire douleur  
C'est l'âpre anxiété qui nous tient aux entrailles.....

VICTOR HUGO

E vão passando tristes, manso e manso,  
Um dia e outro dia;  
Embalde fulge a aurora... no meu seio  
Não renasce a alegria.  
O sol já despontou, brilhante e esplendido  
Na vastidão dos céus;  
E jaz minha alma em trevas de agonia;  
É que lhe falta o anjo, que a alumia  
Co'a luz dos olhos seus.

Ao homem venturoso, que está certo  
Que a mulher, que elle adora, o amor lhe paga;  
Que a toda a hora a imagem sua afaga  
Da amante o coração;  
Embora esteja longe d'ella — a ausencia  
Não lhe é penosa, não!  
Sabendo que os pensares d'essa virgem  
São todos para si,  
Vê na lua, brilhando nas alturas,  
A amante, que sorri;  
No brando ramalhar das verdes selvas,  
Que chega a seus ouvidos,  
Elle ouve das saudades do seu anjo  
Os suspiros sentidos;

E na aragem, que as faces lhe bafeja  
 Da extrema do horizonte,  
 Sente um beijo d'aurora, que ella pouza  
 Em sua ardente frente.

Em quanto esteve aqui, sabia que ella,  
 Se não me tinha amor,  
 O coração por outro não sentia  
 Pulsar-lhe com ardor.  
 Mas agora, partiu... Não sei se em breve  
 O seu amor dará!  
 Se frio, como fôra, e socegado,  
 Se pela afeição d'outro acalentado  
 Seu peito voltará!...

Partiu para bem longe! — e sinto a dúvida  
 Espesinhar-me, atroz,  
 Com mão de ferro o seio... Para os homens  
 A dúvida é um algoz!  
 Embalde, fortemente manietada  
 A este ecúleo horrível,  
 Quer nossa alma escapar-lhe, revolvendo-se  
 Em convulsão terrível...  
 Embalde! — Que se vê das suas trevas  
 Acenar-lhe uma luz,  
 Que lhe aponta o caminho desejado,  
 Que á ventura conduz;  
 Que faz n'ella brotar a doce esp'rança,  
 A dúvida sorriu...  
 Com seu gelado alento a luz lhe apaga;  
 Sem dó, sem compaixão, cruel lhe esmaga  
 A esperança fagueira, que inã vaga  
 Ha pouco lhe luziu!...

## ESBOCETOS BIOGRAPHICOS

### INTRODUCCÃO

Il vivra de la vie des âges tout entiers, parcelle sans doute, mais parcelle qui comprend et qui contient le tout.

LAMARTINE (*Vie des grands hommes.*)

Quando um povo se sente animado do desejo de buscar no fundo da sua historia os grandes factos, que concorreram para o seu engrandecimento, e os grandes homens, cujas vidas foram uma aspiração constante para o bem da sua patria, este desejo é sempre um symptoma certo do progresso d'esse povo e da sua moralisação.

O homem das civilisações decadentes, ou ainda em comêço, desconhece o sentimento fraternal, que torna a causa da sua existencia solidaria com a dos seus semelhantes, e não vivendo pela sympathia na vida dos homens da sua geração, muito menos vive na d'aquelles, que o tempo como que sepultou debaixo do pó dos seculos.

Mas a lei constante da humanidade, lei de desinvolvimento e progresso, ha de actuar pouco a pouco sôbre o seu modo de existir; e o homem, filho d'uma civilisação mais adiantada, hade em breve sentir que o amor de si e a indiferença para com tudo mais, que absorvia todo o viver de seus avós das eras barbaras, são agora horizonte limitado para os vôos de sua alma, que já tenta expandir-se mais, e mais viver.

Accrescem então novas necessidades moraes de affecto, de interesse e de sympathia, que o levam a buscar com affan, noções ácérca dos outros homens seus contemporaneos, ou já sepultos no tempo, e quasi esquecidos; a testemunhar amor a uns, a outros aversão; a approvar as acções d'estes, reprovar as d'aquelles; enthusiasmar-se em frente d'um grande character, e aspirar a igualal-o; a chorar sôbre as desgraças immerecidas d'outro, a quem não poupou sorte menos favoravel.

O fundo negro, em que se desenham os vultos sombrios, dos que mereceram o desprezo ou a reprovação da posteridade, e a auréola de gloria, que cinge a frente dos que — heroes de acções illustres ou martyres de nobres

ideias — têm attraído a si todas as sympathias e todas as benções dos seculos e dos homens, que vieram após d'elles, elevando o espirito do povo até á apreciação dos grandes caracteres e ao desprêso dos baixos e odiosos, ha de produzir a mais salutar influencia sôbre o desinvolvimento dos grandes instinctos populares — o amor e o enthusiasmo por tudo que é grande e bello — enthusiasmo e amor, que, na vida real, em breve tem de se desatar em esforços, para imitar esses typos grandiosos, que a historia, ajudada pela poderosa imaginação do povo, lhe representa como já tocando a méta da perfeição.

Assim, se ao estudo da historia é incentivo uma civilisação crescente, é tambem esse estudo motor poderoso d'essa civilisação, porque, dando a experiencia — que é uma luz no porvir — dá ao povo mais alma, se assim se póde dizer, mais vida pelo coração, mais sentimento moral.

Mas se o sabio ha mistér, para fundas meditações, de graves assumptos, intrincadas questões aonde mais ostente sua erudição, o povo menos pensador, mas mais poeta talvez, prefere na historia o drama ao facto descarnado e sem interesse para o coração; pede que lhe deixem o entendimento em socêgo, e só quer o que lhe possa exaltar a imaginação e movêr a sensibilidade: ouve distraído a narração circumstanciada das transacções diplomaticas das côrtes e as reflexões de alta politica que a acompanham; em quanto que entre soluços e lagrimas escuta os ternos amores e triste fim da linda Ignez, e no seu enthusiasmo parece mais actor d'esse drama lacrimoso, do que simples ouvinte e ignorante.

Eis aqui por que na historia o povo prefere sôbre tudo a biographia: é porque é n'ella que a sua sensibilidade e a sua imaginação encontram um campo mais vasto, e no dizer d'um grande poeta (a) « é n'ella que se identifica pelo pensamento, pela admiração, pela commoção, pelas lagrimas, com os pensamentos, as acções, as vicissitudes, as grandezas, as virtudes, as quedas, os triumphos ou os supplicios d'esses grandes actores da tragedia humana. »

A ambição do trabalho que ora encetámos, não é produzir effeitos taes: para produzil-os requer-se um Plutarco ou um Lamartine. A nossa tarefa toda se encerra em algumas notas e apontamentos de quando estudámos a historia do nosso paiz, e a vida dos homens que o illustraram: é-lhe unica ambição despertar a lembrança de trabalho d'este genero a espiritos d'outra tempera e d'outra illustração.

Sairão estes esboços sem ordem de primazia ou preferencia: quem lêr, que os colloque segundo as suas sympathias.

(a) Lamartine.

## ALVITRES ÀS CLASSES LABORIOSAS

### I

#### CAIXAS ECONOMICAS

Nunca boa arvore deu máus fructos.

EVANGELHO

### I

Cheio de mui levantadas aspirações e boas esperanças, vae correndo este nosso seculo; de toda a parte acodem a visital-o um sem numero de instituições populares, que na realidade dão sobejas provas de summo carinho e terna sympathia para com aquelles que soffrem: e este ancian ha crescido e arreigado em todas as nações de tal arte, que de certo se fará senhor do mundo.

Mas por desgraça nossa são mui tardias as boas reformas em Portugal; ainda por ahi se topa com muita gente tão apegada ás coisas velhas, que para elles a creação d'um novo instituto, posto que com fim caritativo e bemfazejo, não seria mais que o doudejar da geração moderna.

A estes, manda a boa razão — instruil-os, uma vez que careçam de conhecimentos — ou desprezal-os, quando forem levados por máus instinctos.

É a nós — homens de hoje — que releva tomar a peito, e empenhar, quanto em nossas forças couber, para que se aplainem os obstaculos, que podem tolher o desinvolvimento da civilisação.

E nem cuidem, que nos queremos arvorar, como apóstolos do progresso e da liberdade; somos pequeninos de mais para tão elevadas pretenções; temos em vista sómente espalhar por esta nossa boa terra algumas sementes, que lá fóra mui bons fructos hão produzido.

## II

No meio de tudo, que ha buscado excogitar o progresso com o fito de tornar feliz o viver do povo, avulta uma instituição, que deve de attrair o cuidado d'aquelles, que no fundo d'alma acalentam um bocadinho de piedade para as miserias do operario, que leva a vida de continuo esmagada sob o pêso do trabalho. Cremos, e para nós é de abonada fé, que não ha homem algum tão desnatural nem de tão má indole, que não sinta commover-se-lhe o coração, quando a doença ou um apêrto qualquer vem roubar a esta pobre gente o pão de cada dia.

E na verdade é bem triste ver comidos da indigencia homens, que passaram o melhor do tempo n'um azedo labutar.

Foi pois para lhes valer nos transes atribulados, e para obstar a tantos males, que a caridade soube inventar as caixas-economicas.

## III

Poupar nos tempos da felicidade, poupar quando as forças ainda robustas logram vencer o trabalho, poupar então, é antever o futuro, é cumprir a mais sábia lei da providencia.

Haverá alguém, tomemos o mais desgraçado, que não haja tido na vida, por desditosa que fôsse toda, um momento de prosperidade?

O pobre, que vemos esmolar sua minguada mantença, talvez já fôsse rico, talvez já tivesse pelo menos com que sustentar-se; mas, por mal seu, deslembrou-se do porvir, e a velhice colheu-o desprevenido; em circumstancias taes se foi ao último soccôrro—appellou para a beneficencia d'esses, que passam sem se importarem com o velho, que vae morrendo á mingua de sustento.

Grandes contas nos ha de tirar a geração vindoura d'estas e outras manchas, que ennodôam a historia social da nossa epocha!

Abrir mão do salvamento do pobre, só porque é pobre e fraco, sôbre ser uma crueldade, é um mal que o rico faz a si mesmo sem o conhecer; o engrandecimento moral e material d'um paiz não se ganha tão facilmente, como alguém pôde julgar; é necessario que trabalhem todos e muito, uns para os outros.

Não é possivel realmente, e com especialidade entre nós, fundar um numero tal de hospitaes, asylos, etc., que possam abrigar todos os desvalidos—ou roubados pela sociedade, como lhes chama um grande escriptor.

Mas á falta d'este meio havemos outro muito efficaz, e que vae direito ao mesmo fim, bem que por diverso caminho.

Esperte-se no povo o gôsto de economisar, e veremos então mui limitada a indigencia; a maior parte d'esses, que a sorte havia destinado a soffrel-a, terão ajuntado um tal ou qual provimento para o tempo da infelicidade.

Mas quem incitará o nosso operario a economisar, se elle não sabe como servir-se d'aquillo, que poderia fraccionar no final da semana ao seu diminuto salario?

## IV

Fazer pois valer o que fôra economisado á custa de tantas privações e sacrificios, eis o problema que vem decidir a caixa-economica; ella, diz L. Leclerc, é a bolsa onde o pobre depõe com confiança economias penosamente adquiridas: basta-nos isto para havermos conhecimento do alvo a que miram estes estabelecimentos tão moraes e civilisadores.

Essas economiasinhas, a que pôde alcançar o pouco abastado, e que eram destinadas, ou a dormirem na gaveta de seus donos, ou a serem desbaratadas por as não saberem applicar—encontram ahi um amigo sincero, que as protege e fecunda com todas as véras d'alma.

A somma lá collocada, pequena ou grande, não fica improductiva; entra logo no gyro da circulação, e o seu rendimento ajuntar-se-ha ao capital primitivo.

Depois quando vier a fallecer a subsistencia áquelle que lá depositou o fructo do seu trabalho—então a caixa restitue-lh'o fiel e immediatamente, não tão magro, como o recebêra, senão pingue e gordo; então a miseria encontrará um apoio, sem que haja mister incommodar a sociedade, que se aborrece de tudo o que é pobre e fraco.

Mas não nos enfademos nós de promover o que pôde auxiliar e desenvolver os outros.

A caixa-economica pois, entregando a quantia fiada, logo que se queira, dará traça mui apta e segura, com que se occorra a não poucas desgraças.

Com ella lucra não só a sociedade, como tambem o operario: este pelo que levamos dito; aquella por se desencarregar de o manter em casos de calamidade.

(Continúa)

ALBERTO SAMPAIO

Mas a falta de este meio fazemos outro muito effizaz, e que vos diria  
 no mesmo fim, bem que por diverso caminho.  
 Reparte-se no pote o leite de economizar, e vertemos então em limpa  
 tuda a indigência; a maior parte d'esses, que a sorte havia destinado a  
 soffrer, estão ajudados em tal ou qual pagamento para o tempo da in-  
 feccião. Mas quem indigente o mesmo operario e economizar, se elle não sabe como  
 economizar d'aguida, que habita fraccional no final da semana de seu di-  
 nito salario? de economizar de seu tempo, e de economizar de seu trabalho?

## A MULHER E A SCIENCIA

Dae ás paixões todo o ardor que poderdes, aos  
 prazeres mais intensidade, aos sentidos a maxima  
 energia, convertei o mundo em paraiso, mas tirae  
 d'elle a mulher, e o mundo será um ermo melancó-  
 hico; os deleites apenas o preludio do tedio.

Eurico, A. HERCULANO

Ce n'est une bonne qualité dans une femme  
 être savante.

LA FONTAINE

Se o homem saiu máu das mãos do Creador, só a mulher o pôde fazer  
 bom; se bom, só ella o pôde tornar melhor.

A mulher amenisa-lhe, delicia-lhe a existencia, conforta-o nos dias amargos  
 da doença, ampara-o na decrepitude da velhice, é sempre o seu melhor arrimo  
 no afan e marulho da peregrinação da vida, nos duros e penosos transees d'ella.

Quando o homem se divorcia com a natureza, não vê na mulher,

..... O sexo gentil, delicias, mimo,  
 Afago da existencia, e encantos d'ella.

GARRETT

mas considera-a o inimigo jurado do amor, um mal, e, quando muito, uma  
 tentação natural.

O homem, rebelde ás leis da natureza, pensa como Marcial, para quem  
 a mulher é o que ha de peor no mundo, ou como Juvenal para quem ella é  
 —o maior dos males.

Para gloria das mulheres, e vergonha dos que assim sentem, Marcial era  
 um poeta vendido, retribuia o *serviço* da esportula dos seus protectores, pro-  
 digalisando-lhes lisonjas exageradas e mentirosas; Marcial era todo do seculo

em que vivia, vira-lhe os vícios, palpara-os, por assim dizer, e fundiu com elles a sua existencia.

Juvenal, sentiu e pensou como Marcial, porque, como este, a sua vida abraçára uma época, em que a torpeza da sociedade devia fornecer á satyra, rica e fertil collecção de quadros.

Violentissimo no epigramma, a indignação de Juvenal, não era justificada pela sua virtude. *Comprazia-se nas infâmias, que cantava.* (Deltour.)

Os que vêem pois nas mulheres o inimigo dos homens, são os Marciaes, os Juvenaes de todas as épocas, os dissolutos de todos os tempos, os apostatas do sentimento. Mas a mulher deve ser só mulher; creada para o amor, é só por meio d'elle que póde fazer o homem feliz, e do mundo um paraíso.

A nossa vida, árida, sempre aborrecida, quando isolados e sem crença no mundo, converte-se n'um sorrir constante, quando sentimos o nosso destino, prêso pelo laço mysterioso, quasi sempre fatidico, do amor, ao destino da mulher, que está comnosco nos sonhos da noute, no despertar da manhã, em todas as horas do dia, e em todos os instantes d'elle.

A vida é-nos então cara, porque é *d'ella*; e *d'ella* é tudo, quando o coração está captivo.

A prova pois de que o amor é uma realidade, é que a mulher existe no mundo.

Que o amor seja uma mentira; e eu não sei comprehender a mulher, nem atinar com a razão da sua existencia na sociedade.

E é por isso que crêmos, que a sciencia lhe foi vedada pela natureza.

É o campo da sciencia tão aspero, e cheio de espinhos; é o aspecto da doutrina tão severo, que não sabemos como harmonisal-o com a natureza da mulher onde tudo é brandura, graças, sorrisos.

As luctas da intelligencia, produzindo o egoismo, esterilizam o coração; e a mulher só pelo coração é grande no mundo, e só por elle póde dirigir o destino do homem, como eu creio lhe pertence.

Ha entre o amor e a sciencia, e consequentemente entre a mulher e a sciencia uma antipathia, um como divorcio natural.

Com razão pois disse Beauchêne:

*La science rend les hommes rarement aimables, les femmes jamais.*

Sabemos, que têm havido mulheres, que têm explorado o campo das sciencias com a firmeza e valentia dos que bem podem chamar-se seus sacerdotes; e, como a estes, a historia presta-lhes verdadeiro culto de respeito e gratidão.

Sabemos que em todas as revoluções do mundo apparecem sempre mulheres de genio, que são como a providencia d'essas revoluções. M.<sup>me</sup> Roland, inspiradora dos Girondinos; era ao mesmo tempo, pelo seu profundo saber, o

conselho e guia do seu marido. Como elle foi arrastada nas ruinas do seu partido, e se lhe não foi superior pelo martyrio, foi-o por ventura na coragem, com que o soffreu.

A historia, que tem a sua probidade, (Pelletan) respeita-lhe o saber, mas venera-a principalmente como martyr da liberdade.

Lamartine, o poeta do sentimento, não se dignou de conjurar a M.<sup>me</sup> Sand, *que prestasse a força, de que Deus a dotára, á causa da ordem e da moralisação do povo*. Stael, Sevigné, e tantas outras, têm conhecido mais d'um principio scientifico; mas d'ahi a profundar a sciencia, a devassal-a em todos os seus arcanos, vae grandissima differença.

Do mesmo modo, ao campo da batalha tem corrido mais d'uma mulher, prodigio de valor e heroismo.

Orleans, por exemplo, foi libertada por uma mulher, a quem a ferocidade de seus inimigos não perdoára a falta de ter sido uma heroína.

Resuscitada vinte annos depois de sua morte por Carlos VII, a memoria da infeliz Joanna d'Arc foi perpetuada pelo buril de Foytoier, na tragedia e poema de Soumet, e pela lyra de tantos outros.

Superior a tudo, a historia, em toda a sua simplicidade, é, e sel-o-ha eternamente, o verdadeiro poema de Joanna d'Arc.

Dumouriez, a quem a patria não perdoára o crime de a ter atraído em Nerwinde, depois de a ter salvado em *Valmy* e *Jemmapes*, viu tambem mais do que uma heroína affrontar o inimigo com a valentia do seu aguerrido exercito.

Mas nem porisso se poderá dizer que a mulher nasceu para ir ao campo da batalha, derramar o sangue por ella, e dar até a vida, se d'ella houver mistér.

Pela ordem natural das cousas, o que em nós é um dever, uma trivialidade, é n'ellas um prodigio, uma excepção.

É o mesmo a respeito da sciencia.

Quando pois tenham apparecido no mundo scientifico mulheres notaveis — a escassez do numero — hem prova que a natureza as creou para outro fim: — para o amor, cremos nós, que fôsse, e parece-nos que a mulher conquistada pela sciencia, é perdida para o amor.

## O QUE SOMOS

(Conclusão)

III

Surgiu do cahos a ordem, da noite a luz, do infinito a existencia.

Creadora de milhões de sóes, que vagam no espaço; origem mysteriosa de milhões de séres, que pedem a vida hoje, para a sumirem amanhã; filha de Deus e da immensidade, que principia na noite dos tempos para se esconder no «grande deserto do futuro»; a natureza é o brilhante facho, com que a razão se esclarece ao investigar as causas primeiras de tudo o que existe.

Depois estudam-se as transformações successivas d'esse laboratorio incansavel, e descobrem-se as diversas mudanças, por que passou o primeiro elemento até se revestir das fórmulas variadissimas, que ora nos apresenta.

A materia, cuja essencia ainda é um mysterio para a philosophia, porque ella ainda não pôde comprehender a sua origem, e o seu architecto sublime, considerada por uns, como o effeito instantaneo da vontade do «Omni-potente» no «Fiat» da criação, por outros como antecessora ao impulso d'aquella obra, e coeterna com o Creador, a materia é o verbo de tudo o que nos cerca e nos impressiona.

Mas d'aquellas impressões, que só da intima consciencia recebem a explicação, muitas e variadas nos pertencem, a que devemos uma explicação mais elevada, como as que mais ennobrecem a intelligencia, e nos collocam a cima dos outros séres.

Quando o espirito, concentrado na admiração de tantas maravilhas, que o espantam, livre da inercia a que o prende este involucro da terra, se eleva á contemplação do «Infinito» transpondo d'um vôo arrojado a baliza immensa, que o separa entre os dois mundos, então novo sol lhe vem aclarar o pensamento, e como arrebatado por tamanhos prodigios solta um hymno ao seu Creador!

—Deus! eis a magestosa concepção, que o homem sabe manifestar—  
d'entre o vôo sublime da sua intelligencia inspirada.

O perfume da primeira oração, que subiu ao céu, e o altar que mandou o sacrificio á divindade—foi tambem o grandioso monumento, que o homem erigiu para o progresso da sua raça.

Concordes todos n'esta crença universal, que abraça as gerações, e circumda os tempos, releve-se ao pensamento, que partindo d'um impulso primeiro, causa de tudo o que existe, porque sem elle não póde caminhar na investigação da verdade, permitta-se-lhe o explicar como se desinvolveu essa materia prima, até produzir o que ha de mais elevado n'ella—o homem.

«Para os sabios, que estudam a natureza, a unidade de origem dos seres viventes não é uma hypothese: a molecula dotada da força vital, propria ao seu desenvolvimento, foi a unica origem de todas as existencias, que povóam o globo terrestre.

Esta molecula primitiva, emanando d'um poder desconhecido, depois de ter passado por innumeraveis transformações na ordem successiva do simples para o composto, chegou em fim a revestir a fórma humana; de tal sorte que a série animal é uma cadeia immensa, cujo primeiro élo começa no zoophytó, e o último termina no homem, sem nenhuma interrupção na sua continuidade» (a).

Segundo esta lei admiravel, mas verdadeira, porque por ella se rege tudo o que existe, o progresso para a perfeição é uma necessidade, que o Créador impoz á creatura, é um preceito encarnado na essencia da natureza.

Isto que até hoje se tem feito no mundo exterior, e que continuará até onde não chega a concepção do homem, practica-se igualmente no mais recondito de nós mesmos, nos actos mais simples de nossa alma; e por mais imperceptivel que seja este desenvolvimento gradual e successivo das nossas faculdades—elle é real, como nas suas relações.

A arte, que é a imitação da natureza, se não produz ao principio esbôços perfectos d'aquillo que lhe cumpre imitar, é porque ella tem a progredir tambem, como a sua origem, até subir ao throno que lhe dá a perfeição.

Assim a sciencia, participando d'ambas, e da vida que lhe dá o pensamento e a razão, conquista pouco a pouco os seus principios, e cimenta depois de muitas victorias o sólio, aonde impera—rainha,—sem contudo descansar no meio de novas corôas, que continuamente a ennobrecem, senão que nunca descobrirá limite áquella ambição, seu alimento, que tem de a levar sempre a mais poderosos thronos.

Causa-nos espanto a reflexão sobre as ruinas do passado!

(a) A. DEBAY.

Esses monumentos d'uma raça poderosa, que tentou escalar o céu; essas montanhas de granito, que a vontade do homem erigiu, para sustar o vôo dos seculos; esses livros de pedra, onde a historia e a indole d'um povo vive escripta ha mais de tres mil annos...; reproduzem-nos o grande triumpho da perfeição humana.

Alli, d'involta com os soffrimentos, e com as lagrimas de tantas victimas gloriosas, morava a esperança de se abraçar á posteridade o engrandecimento dos que deixavam no bronze e no granito um emblema da sua grandeza.

Após esta civilisação de gigantes, que derribavam florestas para erguerem colossos, seguiu-se outra mais nobre e proficua ao progresso dos conhecimentos humanos.

Mais nobre, porque não carecia do sangue de escravos, como as Pyramides de Memphis do sangue do povo.

O papyro substituiu a pedra; o livro destruiu o obelisco; e a egualdade passou por cima do homem.

Então o rei e o subdito podiam ambos concorrer « independentes » para a grande obra da perfeição geral, porque não era necessario ao primeiro beber as lagrimas de seu irmão na taça d'ouro d'aquella grandeza barbara.

Ao privilegio dos que vestiam a purpura, e nasciam sob os arminhos do throno, chegavam os foros da sabedoria, onde quer que lhe esplendesse o brilho, ou se desdobrasse o manto da sua realeza sublime.

No alicerce d'este imperio da intelligencia consolidava-se a firmeza da liberdade do infeliz, que, ao sacudir as algemas da prepotencia e da tyrannia, levantava as mãos supplices ao libertador de tamanho soffrimento.

Sabe-se que immenso martyrologio desenrolam as gerações, desde o primeiro que roubou o fogo do céu para ser depois victima da sua dedicação, até ao último que arrancou o pendão da liberdade d'entre os braços de ferro do oppressor.

É porque o homem lidava por sustentar sob o seu dominio a supremacia que lhe assegurava o poder sôbre os outros, e não querendo por um orgulho insensato repartir com os necessitados a herança, que lhe coubera d'um capricho de nascimento, ou d'um acaso da fortuna, erguia-se algoz de seus irmãos, e dava-lhes, em vez do amor, o inferno do despotismo e da tyrannia.

Mas d'entre tantos infelizes, que agonizavam debaixo dos foros da soberania de poucos, alguém havia de levantar a voz em favor dos opprimidos; alguém havia de quebrar a « gargalheira do escravo, » e beber as suas lagrimas para as cuspir depois na face do poderio barbara.

O primeiro que proclamou a egualdade perante o mundo inteiro, e cal-

cou aos pés a corôa de sangue, que maculava a fronte dos reis,— foi o heroe que hasteou a bandeira do progresso sôbre as ruinas d'esse imperio cruel.

Mas não seriam os apóstolos da revolução, que precisavam de sangue e lagrimas, para vingar a ideia reaccionaria, que trariam o grande dia da liberdade, se não houvesse d'entre elles quem sagra-se ao seu desinvolvimento monumentos mais duradouros, e menos terríveis.

E estes benemeritos do futuro, lançando todos os dias a semente da perfeição, illustrando a intelligencia dos povos, hão de conseguir a felicidade do homem, porque: «a ordem, que resulta de seus esforços, modificada continuamente pela liberdade, é o progresso» (a).

Nós somos, pois, viajantes d'esse deserto, que nos separa da terra promettida; mas não parâmos a adorar o *idolo d'ouro*, cujo aspecto agrilhôa a vontade do homem, embrutecendo a intelligencia, e obrigando-nos a ajoelhar a seus pés como escravos.

Dirige-nos a columna de fogo do pensamento, a aspiração infinita á liberdade, e havemos de transpôr o abysmo, que nos separa da suprema perfeição.

Mas quando?

— Ouvide-o da bôcca inspirada de Lamennais:

«Tende-vos apercebidos, que se vem os tempos aproximando.

N'esse dia, tamanhò terror, e tão desconcertados gritos tem de haver, como se nunca ouviram depois do diluvio.

Urrarão os reis em cima de seus thronos; e com as mãos ambas lidarão segurar nas cabeças as corôas pelos ventos arrebatadas, e elles com ellas serão varridos e dispersos.

E a morte estenderá a mirrada mão, como quem os abençôa, e esta benção lhes baixará ao coração que logo não baterá mais.

E em vez d'este desfallecido crepusculo, a que nós usâmos de chamar dia, luz mais pura e vivissima raiará lá de cima, como reflexo da divina face.

E cada um se amará em seus irmãos, e em os servir se dará por feliz; e não haverá nem pequeno nem grande, á conta do amor por quem tudo é egualado, e todas as familias serão uma só familia, todas as nações uma só nação.

É este o sentido d'aquellas mysteriosas lettras, que os judeus cegos pregaram na cruz de Christo» (b).

GUIMARÃES FONSECA

(a) A. ESQUIROS.

(b) LAMENNAIS, palavras d'um Crente, versão do sr. Antonio Feliciano de Castilho.

## A ECONOMIA POLITICA, O PAUPERISMO, E O SOCIALISMO

L'économie politique est peut-être la science qui  
a le plus d'avenir, mais aussi c'est la science qui  
a le plus d'ennemis à combattre et de tyrannies  
à renverser. AIMÉ-MARTIN

(Plan d'une Bibliothèque Universelle).

O soffrimento é uma qualidade inherente á natureza humana; o homem por isso soffre, e soffrerá sempre.

É uma verdade, não sei se amarga e desconsoladora; mas que se lucra em occulta-a?

A verdadeira sciencia, que não quer uma falsa popularidade á custa d'uma mentira, não o nega, dil-o com toda a franqueza, lealmente.

A verdadeira sciencia acceita o mal, como um facto positivo, fatal, indestructivel; indaga-lhe a causa, procura o remedio, enfraquece-lhe a acção, attenua-o, mas não tem a louca e risivel vaidade de pretender extinguil-o de todo, e *in perpetuum*.

Eis a Economia Politica.

A falsa sciencia, ao que parece, finge não crer na fatalidade do mal, imputa-o á sociedade e ás suas instituições; insurge-se, barafusta, esbraveja, reclama, e, victima de suas próprias credulidades e abusões, promete um futuro sem males, um novo seculo d'ouro.

Basta seguir-lhe os dictames, e *Astréa*, a quem as injustiças dos homens fizeram desaparecer de sôbre a terra, cil-a que volve a viver conosco.

Eis o socialismo.

A conciliação portanto, entre a Economia Politica e o socialismo, é impossivel; porque o é ella tambem entre a verdade e a mentira, entre a discussão leal, proveitosa, e a declamação apaixonada, hybrida e subversiva.

Ainda mais.

A Economia Política vê na desigualdade uma consequencia necessaria

da natureza humana, um signal de reciproca dependencia entre os homens, a condemnação d'um individualismo ferrenho e egoista.

O socialismo, d'uma sensibilidade mais que feminina, agasta-se, irrita-se ao ouvir só pronunciar a palavra desigualdade, e, sôbre-elevando-se ao proprio Deus, cria, em seus delirios reformistas, uma sociedade phantastica, artificial, impossivel.

E porque a linguagem dos ulemas socialistas acaricia as paixões, e alimenta os ociosos, é talvez das seitas que conta maior numero de convertidos entre aquelles, para quem o trabalho é um flagello, um martyrio, e que, de boa ou má fé, julgam assim eximir-se a elle.

A facilidade pois da propaganda socialista, encontramol-a na loucura de suas promessas, e nos ademanes hypocritamente humanitarios, com que se procura encarecer perante a multidão, que não sabe, nem pôde discutir.

É todavia crível, como observa um notavel economista, que as escholas socialistas tenham arrastado após si muitos corações generosos, e intelligencias convictas.

*« Mais en fin le caractère général du socialisme est bien bizarre, et je me demande combien de temps la vogue peut soutenir un tal tissu de puérilités (a).*

Não admira pois que entre os economistas, e os socialistas exista um como duello de morte, e que estes forcejem por derribar o gigante que os contraria, e que lhes oppõe obstaculo insuperavel aos seus intuitos subversivos e desorganizadores.

Esforços impotentes, que semelham á torrente enfurecida, que, colleando-se em serranias de vagas, vae quebrar-se no rochedo que lhe fica sobranceiro, e que permanece sempre immutavel e impassivel.

Onde o socialismo ostenta a sua veia declamatoria, e o seu figadal despeito contra a Economia Politica, é sem dúvida n'aquellas questões, em que ella, por medidas sabiamente economicas, e admoestações moraes, procura diminuir, obviar á torrente d'um pauperismo, que opprime e avexa uma grande parte da sociedade.

Então o socialismo julga conseguir pela declamação, o que não pôde obter pelo raciocinio. Ao ouvil-o, o pauperismo, a miseria, a indigencia, o mal, é pura criação da Economia Politica; a humanidade deixará de soffrer, — porque o mal desaparece de sôbre a terra, tanto que a *morte vier em auxilio* da Economia Politica!...

Ouçamos um famoso caciz socialista, a quem (é força confessional-o) sobra talento e erudição. Diz elle:

*La misère est le fait de l'économie politique... l'économie politique a*

(a) BASTIAT, Harmonies Economiques.

*besoin que la mort (!) lui vienne en aide... est la theorie de l'instabilité et du vol (!).*

*Si les subsistances manquent au peuple... c'est la faute de l'economie politique (a). E o povo que é um perpetuo infante (b) deixa-se embair por estas asserções vagas, e falsamente tribunicias.*

E elles, os Grachos nos arremedos, nas visagens, mas verdadeiros Pisistratos no coração, na essencia, a rirem talvez, a folgarem de ter arremessado ao campo a semente, que um dia tem de germinar, e produzir os seus fructos peçonhentos e de morte!

Vejâmos, porém, o contraste da doutrina socialista, que é a verdadeira doutrina, a unica que pôde remir o povo da miseria, e dar-lhe o pão quotidiano, de que elle tanto carece.

(Continúa)

EDUARDO J. COELHO.

- (a) FROUDHON, Contradictions économiques.  
(b) AIMÉ-MARTIN.

## ALVITRES ÀS CLASSES LABORIOSAS

(Continuação)

v

Muitas nações podem testemunhar de vista o que até agora nos inspirára o coração e dissera a consciencia.

As grandes conveniencias, que tornam muito recommendaveis estas caixas, podem deduzir-se do grande ascendente, que ellas hão grangeado em muitos paizes, onde tem sido instituidas, e maiormente na França e Inglaterra.

N'esta a primeira, de que haja certeza, foi creada em 1798 por uma senhora; desde 1810 multiplicam-se tão rapidamente, que sete annos depois já possuíam um capital de trezentos e sessenta milhões!

Em França inauguram-se em 1818; e em 1847 já montavam ao numero de trezentas e tantas!!

Aveiro e Porto já contam cada uma a sua caixa economica; ácerca d'aquella dizia, não vae muito tempo, um jornal d'alguma consideração: «Aveiro possui uma caixa economica já de palpavel vantagem n'aquelle districto, não tanto pelo bem que já tem operado, quanto considerado efficaç instrumento civilisador, como estímulo da previdencia, e attractriz das economias, etc.»

Não desanimemos pois ante as difficuldades, que embaraçam a sua vulgarisação entre nós; a sua acção é tão benefica, o seu fim tão sancto e justo, que mui cedo não poderão deixar de ser semeadas pelo nosso terreno, que d'ellas bem carece.

## III

## SOCCORROS—MUTUOS

Não sejaes pois como a planta ou a arvore que vivem sós; mas reuni-vos uns com os outros, amparaes-vos e abrigae-vos mutuamente.

A. F. DE CASTILHO, *versão de Lamennais.*

## I

É muito de lamentar ser tão pouco derramado entre nós o gôsto da associação, que só bens e não males pôde gerar; a desunião e indiferença de força hão de conduzir as classes minguadas em haveres á mais cruel e amarga indigencia, e ao último grau de infortunio; que será do operario, que vive só, se contra elle se armarem os espinhos da vida?

Estas ideias já têm sido mui pleiteadas não só em nossas terras, como em estranbas; julgámos comtudo acertado reproduzil-as, para que vão cavando mais fundo no coração do nosso povo.

Aqui vamos ensinar-lhe um outro meio, que pôde tambem mui facilmente obstar ao pauperismo — esta nodoa indelevel das sociedades modernas.

Para o levarmos a cabo não havemos mister o soccôrro dos grandes capitalistas; trabalho e economia eis o que nos basta, eis o que emancipará o pobre d'essa pesada oppressão dos poderosos: desenganem-se todos d'uma vez para sempre, que o auxilio que nos ha de livrar da miseria, de ninguem pôde vir senão de nós mesmos.

Não confiemos no acaso, nem sómente no soccôrro, que vem do céu; Deus costuma levantar o fraco e humilde, mas tambem quer que os homens trabalhem, e se ajudem uns aos outros: cumprâmos pois esta lei da natureza, que d'isso nenhuma vergonha nos pôde resultar.

O alvitre, que vamos expôr, é affiançado pela experiencia, que n'estas cousas quasi nunca se engana. E na verdade nada se pôde offerecer mais confôrme e accomodado á natureza humana, que reunirmo-nos todos com o fim de prestarmos auxilio áquelle de nossos irmãos, que d'elle carecer.

«Em quanto andardes desunidos e cada um só pensar em si, só tribulações, infortunios e oppressão podeis esperar (a).»

Assim escreveu um bom christão, um bom democrata, e um verdadeiro amigo do povo; outro não de menos valia verteu este sublime pensamento

(a) Palavras d'um crente de Lamennais, vertidas pelo sr. A. F. de Castilho.

em bella linguagem portugueza. Oxalá que todos se compenstrassem da sua verdade, porque vae n'elle contido o germen todo de desinvolvimento e civilisação.

Sobêja vontade de as vêr realisadas devem quinhoar os que ainda sentem esperança, que muita temos nós, de alcançar a regeneração d'esta nossa pobre patria.

## II

Em as caixas-economicas, cujo bom serviço já mostrámos, o deponente recebia só a quantia depositada, mais o seu rendimento proporcional ao tempo que lá permaneceu; os soccorros-mtuos porém operam d'uma feição algum tanto differente, posto que o fim, a que se dirigem, seja o mesmo.

São estas associações formadas por muitas pessoas, pactuando todas obrigação de pagar de tempo a tempo uma prestação determinada, que se nivela á mais pobre fortuna, e ganhando os associados com este dever direito a certos soccorros, uma vez que d'elles hajam necessidade.

A. Legoyt pensa assim sôbre este objecto: «a criação de taes sociedades é uma das mais fecundas applicações do principio da associação.»

Os homens menos abastados, e com especialidade aquelles, cuja riqueza toda e meios de viver se limitam no trabalho, affazer-se-hão a economisar, para que tenham quem lhes acuda, quando a má sorte os importune, sem haverem mistér de se envergonhar á porta do rico.

Uma vez associados farão o maior numero de sacrificios possiveis para que se conservem alliados á santa bandeira, que os protege, ampára e consola; e, em logar de desperdiçarem seus bens em divertimentos não muito honestos, esforçar-se-hão antes para ajuntarem o quinhão periodicamente exigido.

Os exemplos são mui provados em as nações, que gosam a felicidade de os possuirem ás mãos cheias—por assim me exprimir; entre nós começa já tambem a conhecer-se, ainda que em ponto pequeno, a sua grande conveniencia.

É então bem digno do nosso respeito o homem que vae passando o inverno da vida em bom socêgo e paz do espirito, porque se sujeitára em outros tempos a algum sacrificio; ha uma verdade que tem passado desapercibida aos olhos do nosso povo, e que bom seria a tivesse sempre diante da vista; é—que não devemos trabalhar para grangearmos só o sustento do dia, senão tambem o futuro.

Por mais que se pisem estas ideias, crêmos não ser de sobejo; é necessario prégar e prégar muito, até que todos estejam convencidos da sua verdade.

«Quem entretenha o povo com maledicencias de viella não falta lá em

Portugal.» Isto, diz um grande portuguez mui amante da sua patria, o sr. Teixeira de Vasconcellos; livre-nos Deus de cairmos na tentação de fazer escriptura de cousas, que nada aproveitem aos outros; procurámos aqui expender algumas ideias, de que, a nosso parecer, alguém poderá tirar grande utilidade; se assim não succeder, perdôe-se-nos o mal que fizemos, pois o que levámos dito não é mais que uma convicção, que desejáramos vêr geralmente abraçada.

III

Gosam em Inglaterra estas sociedades de mui vastas garantias; não desejámos nós tanto; bastava, e já era de immensa vantagem, que as houvessem cá prestando ametade dos auxilios, que as outras facultam.

Têm umas em vista educar os filhos do operario pobre, outras mantelo no caso de molestia, outras procurar-lhe alimentos, vestidos, utensilios, etc.

Se quizermos rastrear a sua historia, vêr-nos-hemos perdidos na escuridão dos tempos; em Athenas já 288 annos antes de Christo haviam algumas, segundo Theophrasto (a), assim como em outros estados da Grecia; no Imperio Romano consta tambem existirem sob differentes nomes; em França appareceu a primeira em Lille no anno de 1580; em Londres foram introduzidas em 1709: mas umas como outras não valem a pena occuparmo-nos d'ellas.

Em as nossas cidades capitaes — Lisboa e Porto — já começam a nascer algumas associações, visando a estes mesmos fins; mas a desgraça é que nas localidades ou povoações interiores ainda se não tem obrado symptoma-algum de regeneração industrial.

Se fôsem pois em tal numero, como se fazem mistér, não se veriam de certo tantas creancinhas morrerem de frio e fome, ou perderem-se para toda a vida.

Tanto dinheiro tão mal gasto, e nem uma palavra só de piedade em prol d'esta gente infeliz!

Tantos projectos, tantas refórmãs, e nem uma só com este fim!?

Faça Deus que seja amanhã o dia em que vejamos cumpridos todos os nossos anhelos, que se poderia então afirmar que mui breve seremos elevados á altura das nações, que se dizem cultas e civilisadas.

(Continúa)

ALBERTO SAMPAIO

(a) D. de economia politica.

## AMOR

Amo-te muito! muito!	Que vae lá onde a pyra
Reluz-me o paraíso	D'amor se accende e lavra,
N'um teu fugaz sorriso,	Que mal uma palavra
N'um teu olhar fortuito.	Te assoma ao labio, expira?

Quando em silencio finges	Oh! se essa mudez tua
Um beijo mal accete	É como a que eu conservo
E a face côr de leite	Lá quando á noite observo
Da côr dos labios tinges,	O que no céu fluctua,

Dir-se-ha que o lyrio deve	Ou quando, á luz que adoro
Assim ficar de pejo,	E ás horas do infinito
Quando a furtar-lhe um beijo	Na rocha de granito
O zephiro se atreve.	Os braços cruzo e choro...

E ás vezes quando oppresso	Tu amas-me, e não cabe
D'amor teu peito joven,	Em tua pobre lingua
As perolas te chovem	O que alma sente, á mingua
Do mais subido preço,	Da voz, que só Deus sabe!

## A SENDA DO GALVARIO

Salve, martyr, coroado  
Dos espinhós da paixão!...

M. LEAL, JUNIOR.

Deixae, deixae passar o homem forte,  
O unguido do Senhor!  
Se a cruz, que arrasta agora, é cruz de morte,  
Tambem é cruz d'amor.

Deixae. — Na praça o povo aglomerado  
Vomita a injúria alli:  
E elle, sereno o rosto e resignado,  
Olha o céu e sorri.

Sorri... Que mais importa ao homem forte  
Ou desprêso ou louvor,  
Se da estrella seguiu, que foi seu norte,  
O magico pallor?...

E diz, vendo a consciencia, onde serena  
Lê a imagem de Deus,  
E do futuro vendo a praia amena,  
«Posso subir aos céus.»

Ai, póde! Heroe e martyr deixa a terra,  
 Que é cumprida a missão!  
 O mundo o teu preceito guarda e encerra  
 Na mente e coração.

Deixae, deixae passar o homem forte,  
 O unguido do Senhor!  
 Se a cruz, que arrasta agora, é cruz de morte,  
 Tambem é cruz d'amor.

ANTERO DO QUENTAL

A SÉRIA DO CALVARIO

## CEU NA TERRA

For softness she and sweet attractive grace.

MILTON.

Aqui, Julia, á beira-mar      Em meus joelhos sentada  
Tão sósinhos, quem nos vê?      És tão bella e meiga... assim;  
Ninguem na costa a pescar,      A face á minha encostada  
Nem caçador a caçar...      E a mãozinha abandonada,  
O mar cego e surdo é!      Mais o braço de marfim!

Ora pois, dá-me essa mão,      Tenho a mão;—agora o beijo,  
Deixa teus labios beijar,      Doce beijo, linda flôr!—  
Que estas coisas todas são      Não cores, não tenhas pejo  
Pedidas sem má tenção,      De matar este desejo,  
Acceditas sem máu pensar!      Puro desejo d'amor.

Ai! os beijos são aos mil,  
As caricias não têm fim!  
Ólho-a a ella—é tão gentil!  
Ólho o mar—é todo anil!  
Ólho o céu—é junto a mim!

A. T. DE UTRA-MACHADO

## ESBOÇOS BIOGRAPHICOS

### O INFANTE D. HENRIQUE

O oceano estava fechado; havia um mundo a descobrir: eu te dei a chave d'esse mundo.

(Carta de Christovão Colombo á rainha de Hespanha.)

I

É o coração do homem uma como harpa melodiosa, de tão maviosos sons e por tal arte uns com outros casados, que esta só harmonia sublime da natureza humana fôra de sóbra a revelar-nos a mão munificente, com que o Creador espalhou seus dons por todo o universo.

Mas de todas, quantas ellas são, as cordas harmoniosas d'essa harpa celestial nenhuma ha, que ferida, solte para o mundo tão altos sons, de tão sublime toada, como essa com que ao Creador aprouve ligar a si a fraca humanidade, em que mais que em tudo se nos revela, e pela qual mais a Elle aspirâmos — o sentimento do infinito. É esta ideia de Deus um centro commum, a que todas vêm necessariamente convergir, a synthese do universo. D'elle dimana tudo, e tudo a elle tem de se referir. Assim tambem o sentimento da sua existencia, aspiração que a elle nos leva, é o fóco aonde convergem todos os nossos sentimentos, que a todos enfeixa, e d'onde depois vem a irradiar, sublimes e grandes, como a ideia-mãe que os gerára.

Bastas vezes, em verdade, vereis extraviado correr á solta um sentimento pelos campos do êrro, chegando a ponto de tanto se transfigurar, que ninguém ha que o queira adoptar como filho legitimo d'essa ideia principal. É-o, comtudo: transviado, perdido o norte e o rumo, que de razão devêra seguir, lá o encontrareis ainda, se bem lhe especulardes a essencia, como sob a cinza fria e morta se encontra a faisca, languida sim, á falta d'ar, mas viva ainda, e capaz talvez de grande incendio.

D'esta fonte dimanam todos quantos affectos, ora fortes, ora brandos, vêm a entornar no peito do homem alguma cousa grande e nobre, superior a este barro e pó do mundo em que se revolve.

O que é, com effeito, o amor, esse mutuar de affectos de duas almas irmãs, senão um gôso, antecipado na terra, das delicias do céu?...

Que outra cousa é a esperança, esse embalar suave d'uma alma no futuro, mais que uma aspiração, melhor dirieis intuição do infinito? E a gloria, o sentimento do bello, o amor dos homens, que outra cousa serão mais que reflexos d'esse sentimento de Si, que Deus em nós depositou?...

São todos irmãos, que gerou o mesmo seio: ramos do mesmo tronco: raios do mesmo centro: estames do mesmo fasciculo.

## II

Mas de todos os sons, que ao tocar desfere esta corda maravilhosa, nenhum por certo egual em extensão e harmonia estes dous, entre todos os mais altos—o sentimento social e o sentimento religioso—o amor de Deus e pelo de Deus o amor dos homens. As páginas mais brilhantes da historia do mundo, aquellas em que cada seculo reconhecido vem insculpir em letras de ouro nomes e feitos, que no porvir têm de ser os seus melhores titulos de glorias perante as gerações futuras, aonde vão ellas buscar origem de tanto lustre, que outra causa nos apontam de tão assignaladas acções senão um ou outro d'estes dous sentimentos?

Lá foi cada varão illustre beber a crença e a fé, que presidem aos grandes commettimentos; lá têm fundas raizes cada um d'esses feitos de dedicação e coragem, que dão nome eterno a um seculo e a um povo inteiro; lá, finalmente, acha a arte, a poesia as suas maiores e mais duradouras inspirações.

Modifica-os o tempo em seu correr; os costumes de cada povo com suas várias instituições, por vezes com seus erros e prejuizos; um tempo lhes acanha o campo, outro vem que lh'o alarga; toma um aqui o nome de caridade, alli o de amor da patria; austero e rigido se nos mostra agora, logo alegre e expansivo; ora reservados em suas manifestações, exaggerados outras vezes até ao fanatismo; mas nem por isso lhes podem estes variados accidentes mudar a essencia, a origem celestial; leves alterações, eis tudo que contra elles podem os logares, os usos e o tempo, que tudo gasta, tão fundos no coração humano os arreigou a natureza!...

Incentivo de grandes acções, que outro mais poderoso ha ahi em toda a historia, que mais saiba elevar o espirito do homem, que melhor demonstre a sublimidade de seus futuros destinos?...

Não esfriaram de todo ainda as cinzas de tantos martyres, cuja crença energica morte de mil torturas não teve força de abalar; não estão ainda tambem extinctas as fogueiras da intolerancia, que a alguém seja licito duvidar em boa fé, de quanto a alma se engrandece pelo influxo d'estes dous sentimentos.

Amor dos homens, entusiasmo religioso, eis duas ideias, que nunca a terra viu apparecer sem cortejo de heroísmos, piedade e dedicação; eis ahí dous sentimentos, que jámais toparam alma, em que não acordassem aspirações duradouras de virtude e elevação!...

## III

Exemplos de taes sentimentos, entre todos os povos deparareis com elles. Sementes de virtude, lançadas pelo Creador no coração humano, estribando-se-lhe na propria natureza, não podem ser patrimonio d'um povo ou d'um homem só. O poder de ser grande e bom é direito que a todos assiste: filhos de Deus, a todos deu alma immortal com que a elle se elevem, desenvolvendo-lhe os nobres instinctos.

Mas nem a todos, porém, assistirá egualmente a faculdade de manifestar taes sentimentos.

Como sob a cinza morta e fria, e n'ella sepulta, existe a fásca ainda animada e vivaz, assim tambem não ha na terra alma de homem, a mais deturpada pelo vicio e pela corrupção, em que sob essa cinza não brilhe — moribundo sim, mas brilhe ainda — o fogo sagrado de nobres aspirações.

Ha porém mistér a fásca de quem a desenterre e anime, e como que das entranhas lhe tire toda a luz, calor e brilho que póde dar. Assim pede tambem a alma do homem, em meio das torpezas do mundo e sob tamanho fardo sepultada, quem a ajude e alente, a revoque á vida, ao bem e á verdade, quem, finalmente, lhe dê que inspire e traga á luz ideias generosas e illustres feitos de virtude e heroismo, que ao mundo attestem a realidade d'esse eterno principio, fonte de toda a grandeza humana.

Fôrça é pois reconhecer a existencia de causas, que actuando d'este ou d'est'outro modo sôbre o homem, ora benefica ora desvantajosamente, o animam umas vezes a que se desenvolva e eleve, outras o forçam a que sempre no mesmo estado permaneça, quando não a que totalmente se degrade.

Milhares d'ellas se poderiam apontar. Entre todas porém avultam e como que a todas enfeixam, a historia do povo, o clima e natureza do solo que habita, e a raça de que descende.

É a historia incentivo de desenvolvimento moral quando mostra, engrandecendo-os através do prisma de interpostos seculos, a vida, os feitos, as virtudes e os commettimentos dos que antes de nós foram na terra, e faz assim nascer na alma d'um povo a nobre emulação, o desejo ardente de os egualar n'aquillo em que foram grandes, talvez até de os exceder.

A raça, pela pureza ou então pelo crusamento de vários sangues, exerce sôbre o character dos povos a mais poderosa influencia. Vereis o ousado Hespera-

nhol, em cujas veias gyra sangue de Romanos, Godos e Arabes, ardente nos desejos, exaltado nas paixões, ambicioso e aventureiro, contrastando com o Inglez fleugmatico e frio, o Hollandez emprehendedor e paciente, ou o Allemão sisudo e pensador.

Mas aonde maiores provas encontrareis da acção admiravel, que sôbre as faculdades da alma exercem circumstancias exteriores e independentes do homem, é sem dúvida na influencia da natureza physica, cujas vicissitudes e accidentes, por secreta affinidade, vêm sempre a se repercutir visivelmente na natureza moral, no character, nos costumes, nas crenças ou nas aspirações d'um povo.

Sob um céu brilhante e limpido, em solo d'onde perpetuamente brotam flores de mil matizes, em que as fontes só têm ternos queixumes no doce murmurar, aonde o gorgear das avesinhas na ramagem fala ao coração falas de ignota ventura; aonde a noite se desce ás terras é só para mais amores ainda lhes trazer; aonde tudo em fim fala de esperança, de affecto e de felicidade; com tal céu e em tal solo, não sei eu de homem tão avesso ao bem e ao bello, em cujo coração não rebentem e de continuo borbulhem mil aspirações para Deus e para a verdade, mil ambições de grandes feitos, de nobres commettimentos. Ahi, para se ser heroe, poeta ou martyr, basta um pouco de vontade e de energia: o resto, quasi tudo, fal-o a natureza amiga sempre e carinhosa.

## IV

Fadado para grandeza e ventura fôra por Deus este abençoado solo de Portugal.

Mil gerações, raças diversas passaram n'elle, e nenhuma morreu sem deixar de si um vestigio, um legado ás porvindouras éras—a memoria de suas acções e virtudes. Nenhum seculo, depois de riço lidar, se foi envolver no sudario do passado, sem testar á historia mais um nome, um feito, um laurel, uma gloria, sem deixar ao futuro um exemplo, uma aspiração a equalal-o.

Celtas, Phenicios, Carthaginezes, Romanos, Godos, Arabes, tudo por aqui passou, aqui viveu, pensou, sentiu, chorou ou exultou, mas não morreu totalmente, que Deus não dá embalde a vida ao homem, e tanta lagrima chorada, tanto sangue derramado não podiam cair em terra tão ingrata, que não fôssem fecundar semente de muitas futuras glorias.

Esse sangue precioso de tantos que aqui batalharam por suas crenças, prejuizos ou interesses, confundido no chão que alagára, estreitou-se mais e mais, ainda se fundiu nas veias dos que depois vieram, e sôbre as ruinas dos que foram, ergueu-se então um povo, rico de força, de seiva, de recordações, de glorias no passado, de aspirações e de esperanças no futuro.

Esse povo, com os pés firmados na extrema do continente europeu, alargando os olhos pela amplidão das aguas, foi hastear o pendão das suas quinas — pendão que lhe resumia a fé e as crenças — nas restantes partes do mundo, ao Norte e ao Sul, no Oriente e no Occidente, d'uma a outra latitude, nos regelos do Pólo e nas regiões adustas do Equador!

Foram-lhe os mil canhões tuba ainda pouco sonóra para tamanha fama; o oceano, theatro estreito para façanhas taes; ser-lhe-ha ainda a eternidade tempo curto para que possam morrer as memorias de sua gloria!

Embalados pelo murmurar das vagas em descanso, que se espraíam indolentes nos areaes, ou por seu rugido feroz, quando de encontro ás rochas se vêm despedaçar, não podiam os generosos filhos d'esta terra tel-a senão como patria de adopção. A outra, a verdadeira, aquella atrás de que se lhes ia a alma inteira, eram as ondas espumantes, o pégo immenso, aonde o espaço é sem medida e o horizonte sem limites!...

De feito, entre as páginas da historia portugueza — páginas de muita gloria — avultam e a todas excedem em brilhantismo aquellas em que a mão do tempo gravou em lettras de ouro os nomes d'esses heroes, que tendo por unicos guias a intuição magica de seu genio e a constancia de seus animos esforçados, se foram sulcando ousados as ondas nunca d'antes navegadas, em demanda de terras desconhecidas, abrindo novas estradas ás mais longinquas nações, e alargando os horizontes do progresso industrial e economico da velha Europa.

Maravilha, em verdade, vêr como uma nação, ainda ha pouco libertada do jugó dos Sarracenos; que apenas tivera tempo de sarar as feridas ganhas na heroica lucta contra as pretensões de seus visinhos; em tempo em que a ignorancia e prejuizo eram obstaculos ainda mais fortes, para realizar seus intentos, do que o mysterio impenetravel de tantos ignotos mares, e a falta de instrumentos e meios, com que havia a lutar; maravilha, e causa assombro que esta nação concebesse, intentasse e levasse a cabo a empreza de ir, através das longas ondas do Oceano, a climas e povos desconhecidos, levar-lhes, com as armas na mão, a sua legislação, os seus usos, commercio, industria, crenças e religião, e, do convéz de suas caravellas, dictar leis aos reis e aos povos de quatro partes do mundo!...

É esta tambem a epocha mais gloriosa da nossa historia, a sua página mais brilhante; porque, engrandecendo-nos a nós, fizemos dar á sciencia um passo, que vale por seculos, á sciencia e ao progresso de toda a Europa.

Esta epocha, este movimento, este progresso, esta grandeza, a tudo isto domina um vulto gigante e immortal, porque a tudo deu o impulso, a primeira ideia. É este o Infante D. Henrique.

(Continúa)

ANTERO DO QUENTAL.

## MARTYRES DA SOCIEDADE

### I

#### O Padre

— Senhor! pelas dores crueis, que vos atormentaram no horto da agonia; pelo sangue precioso, que derramastes no Pretorio; pela corôa de espinhos, que vos cingiram, e pela cruz que nos transe do martyrio vos pozeram as culpas do homem; compadecei-vos d'um infeliz, a quem punge a saudade d'um amor.

Se ainda não achou misericordia perante vós, meu Deus, valei-lhe, e fazei que a sua alma descanse em paz.

Bem sabeis quanto é fragil a creatura mesquinha, que vós formastes do pó da terra; se o crime lhe pesa na consciencia, alliviae-a, Senhor, e recebeia-a pura e sancta nas vossas mãos.

Dae-lhe a felicidade de todos os seculos, e o socêgo do espirito, na presença de Deus.

«Meus inimigos revoltaram-se contra mim, e entregaram-me ao furor de meus irmãos; mas eu esperei no Senhor, e soffri as suas injurias com animo socegado e pacifico.

«As provações por que eu passei encheram-me a alma de angustias, e o coração de arrependimento!

«Bemdito aquelle, que espera em nome do Senhor!»

.....

Que triste me tem deslisado a vida!

Se não fosse a vontade sagrada de meu coração, se não fosse o *último*

preceito d'um *moribundo*, eu já de ha muito teria procurado no sepulchro o repouso esquecido de felicidade.

Mas vivo, porque é mistér levar a cruz até ao último dia da redempção do crime.

Vivo! porque Deus ainda anima esta ossada, que se debate aqui entre saudades e remorsos!

Tantas lagrimas tenho chorado, que se me vae enfraquecendo a vista, e já me custa muito a orar e a soffrer.

Ainda tão novo, e a sombra da morte a enluctar-me a existencia!

Seja feita a vontade de Deus.

Se me quizer tirar de todo esta luz preciosa e querida — consolar-me-hei.

Elle foi que m'a deu, elle m'a póde tirar.

Mergulhado em escura noite, sem uma esperança a alentar-me entre as agruras d'este martyrio tenaz, não sei se poderia viver.

Então o pensamento do meu passado, pobre de venturas, que eu perdi me encheria de recordações amargas, e me impelliria á desesperação, e eu teria de mentir á vontade sagrada da minha consciencia.

É esta uma lembrança, que me flagella sempre, como o roxear da cadeia do escravo.

E eu que em toda a minha vida me tenho esforçado por não suffocar as minhas penas, seria obrigado a rebelar-me contra os preceitos do céu?

Passara-me esse crime, envolto nas vestes da sociedade corrompida e má, e não me passára a dúvida de ferro, que nem se quebra nos degraus do tumulto.

Mysterio do homem — que a sua origem escura lhe outhorgou na primeira lagrima do berço!

A nota harmoniosa d'um amor feliz vibrou-me na alma, uma unica vez; louco de esperanças, ébrio de prazeres, bebi a harmonia de Deus, como o sequioso a gotta de nectar, que lhe caíra do labio em osculo de ternura: foi o veneno que me lacerou depois as entranhas da alma, quando a mão negra do homem veio derribar o pedestal da natureza inteira, collocando ao pé da cruz o ermo, ao pé do ermo o padre, e depois do padre o esquecimento.

Mysterio do homem, que és tu — criminoso ou infeliz?

E eu que pensei, no meu dormir de flôres, que a verdade era o sonho, e que o sonho era a vida!...

— Engano d'alma, benefico repouso

Do justo, que descrê...

Era uma visão do céu.

A lua beijava a fimbria do seu vestido de purpura.

Seus olhos elevavam-se puros e tristes na amplidão do espaço até ao limite dos astros.

As mãos supplices erguiam uma oração ao Eterno no cadenciar suffocado do último alento.

N'aquella prece fa-lhe tudo o que ella tinha de mais querido na terra.

Entre o céu e o infinito, sobranceiro ao orgulho do homem, sem uma lembrança das illusões da vida, estava alli o padre abraçado ao crucifixo, como se a cruz podesse rouba-lo do mundo, e alar-lhe o pensamento ao incompreensível!

E elle estava alli, porque o último suspiro d'aquella mulher pedira-lhe uma oração ao Christo, já que lhe não podia dar uma palavra de amor.

E dissera-lhe depois: na minha campa não ha quem brote uma lagrima de saudade, mas ha de haver um *requiem* sinistro e lúgubre, que vá apertar-me o coração entre os regelos do cadaver.

E esse *requiem* será do infeliz, a quem a religião der em vez da vida a mortalha, em vez do amor o martyrio, em vez da fé a descrença.

E consolar-me-ha o pensamento de que por elle morri.

Era uma visão do inferno.

O templo estava coberto de negro.

As tochas accesas reflectiam na abobada a luz mortuaria do finamento.

Sobre os degraus do altar resava-se o último trecho dos psalmos d'um martyr.

No íntimo da alma outro mais desgraçado ainda comprimia o arquejar da desesperação.

O feretro, que lhe estava fronteiro, era a mão do abysmo, que lhe surgia pavorosa, como o agonisar do impio, e que na sua cataracta immensa ia fechar para sempre o último alento d'um condemnado.

A eternidade era para elle o pensamento d'aquella mulher, e a pedra da sepultura ia sumir-lhe a crença da eternidade no último adeus ao amor d'essa mulher.

Se a desventura persegue os filhos do homem, quando a má estrella da sua vida lhes cumula de amargores a existencia, elles têm uma esperanza além do soffrimento, e podem na cinza das suas affeições plantar uma flôr de virtude; mas nós, marmore onde se insculpiu o anathema da natureza, guardamos dentro da urua das nossas crenças a maldição do primeiro crime, e victimas d'elle — sagramos-lhe a immortalidade.

O cilicio e a penitencia lavam as nodoas do remorso com o sangue das paixões, mas o claustro e o tumulo são duas palavras unicas nos paroxismos do moribundo.

E moribundo é o desgraçado, que trocou pela roupeta negra do monge a veste orvalhada com as lagrimas do céu, em manhã serena da primavera da vida.

Sinto-o, hoje que a sociedade limitou a existencia do padre á existencia do monge, e a existencia do monge á existencia do sepulchro.

Rebelde ao pensamento do Creador—foi ella que na religião de Deus pôz o preceito mais contradictorio com a sabedoria de Deus.

.....  
E não haver para a senda escura do martyr uma luz de esperança bem-fazeja; e não haver para o desgraçado, que lucha entre as agonias do ré-probo, uma crença venturosa de felicidade!

E eu Morrêra abraçado á cruz.

E esta saudade, e os meus sonhos, e as minhas venturas;—infeliz, seriam-me gratas no último suspiro.

E este pensamento de ferro, que me atormenta como a lembrança do meu porvir de amarguras, justificaria-o este amor, derramado com as lagrimas d'aquella... Oh! meu Deus! perdoae-me! perdoae-me!

Alma angelica, que chorou juncto á cruz de Christo; archanjo de angustias, que se debateu em agonias do coração, que se lhe transformava em prantos de fel,—a misericordia do Senhor nos perdoará.

Que falta ao homem, que levantou a sua cruz, para levar uma lagrima ao céu?

—Morrer para a vida, viver para a morte.

E eu, que pude esquecel-a por tanto tempo, agora que sinto a existencia prestes a definhar-se... não posso sem a tornar a vêr, não posso sem lhe dizer o último adeus...

No supplicio, cansada de soffrer, esta alma triste e moribunda só ancia a paz da sepultura.

Comtudo, ha aqui uma recordação bem amarga, uma saudade bem profunda.

Amava-a muito.

Conhecia que esta paixão era... criminosa, mas a voz da minha alma obrigava-me só... a amal-a.

Eis-me agora prostrado junto á cruz do «Divino mestre» a verter prantos de sangue, como outr'ora Jesus Christo chorou lagrimas de caridade entre as agonias do supplicio.

E passará o meu calix, por sôbre espinhos, antes da hora do finamento?

Que angustias sinto aqui, que apertos me comprimem o coração!

A minha vida de soffrimentos, o que tem sido?

Ai! que momentos crueis eu tenho passado na minha existencia de tor-

turas! Que martyrios eu tenho sentido no agonisar do amor, e no rugir da desesperação!

Aquella visão, que era a minha esperança, morreu para mim, e logo que vou entrar no reino da morte, nem me vae no pensamento o allivio de poder adoral-a na eternidade.

Quem sabe se é infinita essa barreira cruel que nos separa? Quem sabe se Deus não abençoará o nosso amor puro e infeliz?

E eu hei de existir até ao fim dos seculos, sem poder mandar-lhe da alma um suspiro extenuado, sem poder arrancar-lhe do seio um gemido de esperanças?

Este martyrio é peor, que todos as afflicções do precito; estala o coração, e comprime-se o peito no ancian da angustia, que devora.

—E triste foi a minha sorte na terra. E desventurado foi o meu amor. Feneceu-me, como o lyrio, que murchoou apenas se entreabrira, e se vergou para o pó na haste que arrastára o redomoinhar da procella.

Feneceu-me, como o sôpro da brisa, que suspirou entristecida na solidão do mar, entre o céu e o infinito... e desapareceu ao longe na cerração da tempestade.

Agora só tenho aqui a dolorida recordação do meu passado; e a saudade d'essa martyr, que se finou de maldições.

—Hypocritas!

E nem uma só palavra d'ella vem abrir-me as portas do céu; muda e silenciosa dorme na noite dos mortos o somno eterno do esquecimento; muda e silenciosa abraça a cruz do Christo, e rega de lagrimas os espinhos do nosso amor.

Emilia! Emilia!

Nada! É que o padre não pôde ouvir a voz dos homens, quando as suas palavras são sacrilegas.

É que o padre só tem coração para Deus.

.....

Já não vejo a sua imagem.

Foi um sonho terrivel, que veio martyrisar-me.

Ella morreu, e agora não posso ir desfolhar saudades á sua memoria, nem rezar no seu jazigo. Ella morreu sem um pensamento em mim. Morreu, e o pobre mancebo finou-se de amarguras, ralou-se de maldições, e curvou-se na sua campa.

Oh meu Deus, perdoae-me!

O padre, algemado a esta cadeia infame da sociedade, é um miseravel peccador, a quem golpeia o espinho da escravidão, que se debate nas agônias do desesperado, que assassina a consciencia, a qual Deus puniu com

todo o pêso do seu braço, e que brevemente vae achar as portas do céu fechadas, se além da campa não reaparece a virtude.

Mas Jesus Christo não nos ha de perdoar? Acaso não perdoou elle aos seus algozes, quando agonisava no Calvario entre os sarcasmos do povo, entre as injúrias dos homens, e entre os martyrios da sua corôa de espinhos?

Quanto este pensamento é consolador! quanto me faz bem ao coração!

Deus ha de perdoar-me, se commetti crimes, que a sua misericórdia é infinita; ha de trazer o balsamo da consolação ao íntimo do meu peito.

Oh! bemdito sejas, anjo do Senhor; bemdito sejas.

Era a minha esperança uma illusão, d'estas, que dominam e escurecem, quando nos arrebatam a formosura das filhas dos homens!

Mentiu-me a illusão; morreu-me a ventura; perdi a felicidade.

E depois vi uma mulher, sonho dos anjos, rodeada de martyrios, dizer-me: — morri por elle.

Essa mulher, a quem eu amava, como o sequioso ama a gotta do orvalho nos desertos abrasados, como o desesperado ama o fanal da morte, como o naufrago a taboa da salvação, pediu-me o *requiem* dos mortos, já que eu lhe não podia dar uma affeição do céu.

Agora sinto aqui o roer infatigavel do desespêro, e peço consolações ao Christo, que talvez nunca me perdôe.

Oh! tive sonhos de ventura no aspirar do mancebo, que deseja e crê. E eu... mais que ninguem na terra.

Era esta crença a esperança da minha vida, o oasis do meu refrigerio, a estrella da minha felicidade.

Depois veio um céu escuro e medonho, e escondeu-me o scintillar d'aquella esperança, e sumiu-me a estrella da ventura.

Ai de mim! Mas Deus ouve os desgraçados. Se sômos criminosos, alli está a cruz do Salvador a sorrir-nos o perdão.

Poderá quem viu escurecer-se-lhe a existencia dentro de sua alma rezar e sentir?

— No céu ou na eternidade, nos ajuntaremos!

«Meus inimigos revoltaram-se contra mim, e entregaram-me ao furor de meus irmãos: mas eu esperei no Senhor, e soffri as injúrias d'elles com animo socegado e pacifico.

«As provações, porque eu passei, encheram-me a alma de angústias, e o coração de arrependimento.»

«Bemdito aquelle, que espera em nome do Senhor.»

— Pobre oração do infeliz! Suspiros e lagrimas!

Houve um desgraçado, que teve muito amor no exilio da vida.

Bem queridos eram seus sonhos de delicias, bem risonhos seus dias de prazeres.

Mas o prazer feneceu-lhe, e a delicia sumiu-se-lhe na agonia do martyrio.

Agora sente que está a chegar a sua hora suprema, e vem morrer ao pé da cruz!

Bem custa ao infeliz deixar a terra das suas illusões; mas que vale a ventura do pó, entre as lagrimas do homem?

Bem custa ao infeliz morrer sem esperanças, mas Deus é justo, e o céu é... do soffrimento.

Perdoae-me vós! e aquella que eu amei me perdoará.

«E nem outro suspiro viera ao ungido do Senhor, amargurado do coração.»

GUIMARÃES FONSECA

## A PEÑA

(Conclusão)

### II

A historia e descripção do palacio de Nossa Senhora da Pena deve compôr a segunda e terceira parte d'este trabalho. Quem visitando este formoso edificio, attentar bem na traça d'elle, tão enredada e complicada lhe parece, que para logo se varre do animo todo pensamento de exacta descripção. Ora, não a havendo (que nós saibamos) completa e perfeita em todas as suas partes, apesar do muito e bem que sôbre este assumpto se tem escripto, fôra loucura, e grandissima, pretender o que outros mais avantajados em letras e idade não lograram conseguir: porque a Pena, sob este ponto de vista, diga-se de passagem, é como o palacio da *Favorita* em Rastadt, de que o celebre Dumas escreveu: «on ne décrit pas un pareil chateau; on invite à l'aller voir.» E para lhe expôr a historia redobra a difficuldade, mórmente para quem, sem o preciso cabedal, se abalança a tal empresa. Não se resume a chronica do antigo mosteiro n'uma longa serie de datas entresachadas de quatro contos que a ninguem interessam. A sua parte mais importante é desconhecida; sabem-na tão sómente aquellas mudas paredes: — é o viver íntimo do frade collocado acima do mundo, tão longe do bulicio dos homens, na solidão da penitencia. Essa todos a ignoram; talvez exista por ahi n'algum velho pergaminho, aprumado em antiga livraria, lançado para o canto e despresado como coisa inutil!

Vamos porém á nossa historia.

O primeiro edificio, que existiu no logar onde hoje se admira o palacio da Pena, foi uma pequena ermida chamada — *da Senhora da Penha*, que, segundo affirma a tradição, appareceu n'este sitio cujo nome tomou. Em 1493

D. João II, em cumprimento d'uma promessa, alli passou onze dias, na companhia da rainha D. Leonor (a). Dez annos depois, D. Manuel affeiçãoado a este ameno penhasco, onde é de fé que passava largas horas aguardando a volta de Vasco da Gama com a noticia do descobrimento das Indias, manda arrazar os pinheiros do rochedo, e levanta um mosteiro destinado á ordem de S. Jeronymo todo fabricado e tecido de madeiras; e em 1511, posto por terra este convento por ordem do mesmo Monarcha, começa a crescer, no gosto da architectura greco-normanda, o edificio de pedra, que foi sempre tão querido dos nossos reis, e que ainda hoje faz as delicias do senhor D. Fernando.

Em origem pois póde o nosso monumento competir com os mais soberbos da Europa.

Consta elle de dois planos: a casa do capitulo, refeitório, claustro e mais officinas estão no plano inferior. Dezesseis columnas de granito sustentam a arcaria do claustro cuja area é de 25 metros. Ornam as paredes dos quatro lanços azulejos, uns com figuras em relêvo, outros com ellas em pintura. No plano superior fica a egreja, tres salas, tres gabinetes, duas camaras e um quarto de estudo (onde antigamente eram quatorze cellas e tres dormitorios), e o claustro superior com dezesseis columnatas de marmore e outras tantas meias columnatas.

Não é para esquecer esta curiosa tradiçãõ:

Sorria a natureza affagada pela primavera; o céu acendia-se alegrando a terra com os primeiros raios do sol que vinha rompendo de traz das collinas: era isto por Abril, creio eu; — não sei o anno.

Ao sopé da serra, juncto d'uma fonte que serpenteia por entre a fresca alfombra está sentado um peregrino.

Viram-no alli por largo espaço deleitando-se com a toada das aguas e com o gorgear melodioso da avesinha solitaria.

Ia já o sol em alto quando elle tomou o caminho da Pena: — quem era este peregrino e d'onde vinha, eis o que ninguem soube nem mesmo aquelles que lá dormem o somno eterno atados pelo grilhão da morte ao leito gelado da pedra dos sepulchros.

Sigamol-o. Vae chegando ao portal do convento. Recebem-no os monges com a proverbial affabilidade d'aquellas boas almas; mostram-lhe tudo o mais notavel e curioso, e o peregrino, ouvindo da bocca d'elles o quanto era aquelle logar sujeito aos raios, e querendo patentear-lhes o seu agradecimento por

(a) « E em nossa Senhora da Penha elle (D. João II) e a rainha foram estar onze dias por uma novena que prometteram; e estiveram muito sós porque a casa era uma hem pequena eremida, e os que com elle estavam, pousavam em tendas que El-Rei ahí mandou levar, onde se agasalhavam muito bem, e a todos se dava de comer em muita perfeição, e nos onze dias acabada a dita novena El-Rei e a rainha se tornaram a Cintra. »

(Garcia de Resende.)

tão benevola acolhida, ensina-lhes uma oração latina á Mãe de Deus, que foi escripta no campanario da torre.

Substitue hoje a antiga oração do peregrino um pára-raios posto na torre do relógio de cujo cimo se descortina o admiravel panorama que tentámos descrever na primeira parte.

### III

Com duas coisas, qual mais mimosa, qual mais bella, depara igualmente o curioso viajante no interior da Pena. É a primeira um formoso gabinete para cuja discripção fôra mistér haver os toques magicos do pincel de Rembrandt tão opulento de colorido e vida, de relevo e luz. A segunda é o famoso retabulo da capella ao qual um vate portuguez mui desvelado cultor da musa romana teceu este elogio:

*Mira manus, mirus lapis, mysteria mira,  
Ast magis est mirus qui bona mira fecit;  
Non cœlum miror, non tot piacula rerum  
Quanta sub æthereo cardine mundus habet:  
Hoc opus, hunc lapidem, hanc artem super omnia miror,  
Sunt indigna viro, sed bene digna Deo.*

Apoia-se este retabulo em pilastras d'alabastro. É obra d'um estatuario francez por nome Nicolau, e foi mandado fazer por D. João III (1532) pelo feliz successo da rainha D. Catharina ao nascer o principe D. Manoel como se vê do letreiro, inscripto no pedestal do altar.

E como esta descripção tem bastante interesse artistico fallará por nós o sr. Visconde de Juromenha: como se vê ha tudo a ganhar e nada a perder.

«Forma-se este retabulo pela parte superior com um arco de meia laranja, que descansa em duas columnas de jaspe preto. O arco é feito do mesmo jaspe com quadrados sôbrepostos de pedra de alabastro com suas divisões de jaspe preto de embutidos rasos com este letreiro. *Isa. Rorate cœli desuper et nubes pluant justum, aperiatur terra et germinet salvatorem.* Tem no fim de cada ponta ou canto, dois meninos de alabastro, que sustentam dois magotes feitos d'armas, fructos e flores, que pendem d'estas pontas até o meio do retabulo. Continúa o arco com uma cimalha de azulejo listrado com um tecto de laçaria de pedra, que fecha com uma cruz de Christo d'azulejo de estrelinhas. D'estas duas columnas de jaspe preto se fórma um nicho, em o qual se vê o nascimento de Christo todo de figurinhas de vulto feitas de alabastro.

«Descendo por este meio entre duas columnas de jaspe preto sobresae o

arco, debaixo do qual se vê o sacrario. Sôbre este arco está uma Imagem de Nossa Senhora (a) assentada dentro d'outro nicho pequeno com duas columnas de jaspe preto sobresaídas, e duas meias interiores, sôbre as quaes se formam tres arcos de renda de alabastros. Tem esta senhora o menino no braço esquerdo, e no direito um livro aberto, apparecendo a cadeira, em que está assentada, mostrando que está ensinando os homens e os anjos, e d'aqui descem umas varandas até o fim do arco, em que está o sacrario, tendo collateraes d'este nicho, outros dois, um da Annnnciação, e outro dos Reis, tudo de figuras de alabastro.

«Debaixo d'estes nichos estão outros dois um da Apresentação no templo, outro da fugida para o Egypto, todos igualmente de figuras de alabastro.

«No meio d'estes nichos está outro mais concavo, onde está um sepulchro de alabastro, sôbre o qual se vê a Imagem de Christo morto, e tres anjos que o estão sustendo, do mesmo alabastro, que são as maiores figuras d'este retabulo. No friso da cimalha d'este nicho que tornea por dentro tem este letreiro: *in die illa, qui stat in signum, et erit sepulchrum ejus gloriosum*, tendo no remate das columnas, em um, *Isaias*, no outro, cap. XI. As bases d'estas columnas são em meia laranja todas de alabastro com guarnições e frisos de jaspe preto lavrado de meio relevo de folhagens.

«Fica este sepulchro superior ao sacrario, o qual é em fôrma rotunda, sobresaíndo de toda esta obra, e tem da parte direita um anjo com as armas reaes, e do esquerdo outro com as da rainha D. Catharina.

«É este sacrario de alabastro; tem pela parte de fóra um resguardo com seu zimbório do mesmo alabastro, e o sacrario move-se pela parte de dentro em redondo, o qual tem na circumferencia seus apainelados dos passos da paixão, de figuras em meio relevo, e em um d'elles que é a porta, tem este letreiro: *Panis qui de caelo descendit*, e por baixo... 1531 (*era em que foi feita*).

«Os passos da Paixão, que tem esculpidos na circumferencia, são os seguintes: a Prisão do Senhor á columna, o Ecce Homo, a Cruz ás costas, o descimento da Cruz, tudo de figuras.

«Tem dentro o Sacramento, e quando se lhe mette uma luz, ou se põe por detraz, transparece a luz, como se fóra christal, podendo-se com ella ler.»

Occorreu-me agora uma mirifica historia, que mais parece em verdade milagre da providencia, que obra do acaso, que o não foi de certo. Que é o acaso, com effeito? *A coincidencia dos disparates*, responde *M. de Rémusat*.

Era sob'la tarde: corria o dia 30 de Setembro de 1743: desatara-se o

(a) Esta Imagem tem na cabeça uma — corôa dada á Senhora da Pena por El-Rei D. Manuel, e feita, como a custodia do convento de Bellem, do primeiro oiro que veio da India.

céu desde pela antemanhã em grossas aguas, que caíndo em grande quantidade, amontoando-se, crescendo e tombando por fim dos visos da serra em perenne catadupa, arrastavam na sua passagem tudo quanto de arvores grandes e pequenas se lhe antepunha, assim os frondosos carvalhos como as boninas rasteiras. Parecia que os ventos desencadeados queriam arrancar o mosteiro do seu assento de pedra! — A serra envolta em nevoeiro expesso não similhava já a donairoza filha do Oriente, nem «essa dama polida, brava e doce, contemplação de amores e a amada do verão» como lhe chamou *Gil Vicente*, nem trazia á memoria estes versos de *Luiz de Camões*:

*Para ti guarda o sitio fresco d'Ilio*  
*Suas sombras formosas,*  
*Para ti o Erymantho e o lindo Pyllo,*  
*As mais purpureas rosas;*

mas sim coroada de raios e nuvens antes lembraria talvez o monte Sinai n'esse dia que das mãos do proprio Deus houve Moysés as taboas da lei divina.

Celebravam ainda os devotos monges a festa do seu patriarcha, entoando os canticos sagrados do christianismo, que reboando um momento pelo interior da Egreja, se iam extinguindo pouco a pouco, até morrerem por fim lá ao longe nas profundas arcárias dos dormitorios ermos. As luzes bruxuleavam alegres nos altares ataviados com singellas flores, allumiando toda a capella em roda e vencendo a luz baça e frouxa d'aquelle dia tenebroso.

Lá fóra o aspecto da natureza carregado e sombrio, cá dentro quieta e serena a fronte do homem. Lá fóra a tempestade e o bramir furioso da ventania, cá dentro a paz, o remanso e as suaves harmonias da oração christã.

Apenas, de longe em longe, a voz robusta dos frades tremia um pouco; era quando sôbre suas cabeças rebentava o trovão! parecia, de feito que se rachavam de meio a meio aquellas abobadas seculares, e que eram as pedras e cimalthas caíndo em tropel no pavimento sagrado o que produzia aquelle pavoroso estampido!

De subito cae um raio na torre; passa á egreja; — faz pedaços a gradaria do côro; incendia os paramentos; arruina o orgão, arranca pedras da abobada; espalha o terror por toda a parte, e de muitos que se alli achavam reunidos, cêrca de trezentas pessoas, nem uma víctima!

A. T. DE UTRA-MACHADO

---

**Correcções do 1.º numero.** — Na poesia — A DÚVIDA — verso 26, onde se lê — d'aurora — *leia-se* — de amores; verso 38, onde se lê — Espesinhar-me — *leia-se* — A lacerar-me.

## PRIMAZIA DO HOMEM

Saído o homem das mãos do Creador, lançado sôbre a terra, *pobre e nu*, como o pinta o evangelho, debil de forças phisicas, em comparação com os outros séres organisados, a sua existencia seria um contrasenso perante a harmonia universal, se elle não fôsse dotado d'uma prodigiosa intelligencia, que tudo submete ao seu exame, tudo domina e avassalla.

Na intelligencia do homem se revella a sua supremacia, e grandeza do seu destino.

Ao principio a força da natureza, com as suas suaves e inebriantes seducções, o attrahia e enlevava: o homem nascente prendia-se, casava-se com as gallas e primores da natureza n'aquella primitiva idade, n'aquella antemanhã d'um porvir, que se lhe antolhava dourado e venturoso, qual se amostra ridente aos sonhos encantados da juventude.

Eis o dominio do sentimento.

A philosophia d'esta epocha era a philosophia da impressão, da hora, sem ideia de infinito, sem vinculo de unidade, ligeira, movel, caprichosa, dispersa em milhares de sensações diversas, estrophes esparsas d'uma ode fluctuante segundo o acaso da inspiração. Esta philosophia, em última analyse, é a noite brilhante do espirito humano; consomme sem esclarecer (a).

Em breve, pois, o homem conheceu que n'aquella ostentação, opulencia e louçania da natureza, estava occulta uma provocação terrivel á debilidade dos poderes humanos.

(a) Eugéne Pelletan — *Profession de foi du dix-neuvième siècle.*

A natureza, é verdade, offerecia-lhe as suas valiosas dadas, mas não como mãe carinhosa, porém como inhospita madrastra.

Descobriu o homem em breve, que só a preço do lidar das gerações, poderia submeter ao seu dominio de senhor a rebeldia da natureza e de todos os sêres, que o precederam no theatro do mundo.

Deporia elle então a sua corôa, o seu diadema de soberano?

Ficaria elle inerte e submisso perante a catadupa, que se despenhava de precipicio em precipicio, ante a espessidão da selva, que acolhia as serpentes, o leão indomito, o tigre feroz, já possuidores da terra?

Seria ultrajar-se a si proprio!

O homem reflectiu n'aquella crise dolorida da sua entrada no mundo; e avançando além do pequeno espaço que o sentimento lhe conquistára, analysou, experimentou, comparou; e eil-o creador das artes.

Era n'esta epocha tremenda, mas gloriosa, que o homem abatia a natureza do seu throno gigantesco, e lhe dava testemunhos do poder da sua intelligencia: mas era tambem então que elle ia percebendo que a sua existencia era solidária com a d'outros sêres analogos a elle; demais — que esta união era uma lei da sua natureza: o homem partia de si para os outros.

Eis o dominio da reflexão e das artes, caracterizado em Prometheu.

Alliado porém o homem aos seus semelhantes, estaria pronunciada a última palavra do seu engrandecimento, ficaria completo o último anel da cadeia que deve prender os sêres uns aos outros, segundo as leis do Creador? Tal não era o destino do homem!

Viera elle ao mundo, quando a criação parecia terminada, quando por um lado os sêres inorganicos, por outro os organisados, se achavam presos uns aos outros por vinculos apertados, e n'esta harmonia do mineral com o vegetal, e d'este com o animal, se figurava lançada a pedra final sôbre o edificio da criação.

De facto não estava.

Todos os perfumes da natureza, todas as suas perfeições, melodias e encantos anciavam ser offertados ao seu auctor, como o filho se apraz em depôr a sua valia ante os paes que lhe deram o lume da vida.

Por isso tinha o sêr humano de caminhar mais; e foi este pensamento que lhe fez comprehender toda a alteza e sublimidade do seu fim, manifestado plena e vivamente á razão, esse raio vivo e permanente da luz divina, esse modo de revelação da divindade no seio da criação, esse poder assombroso, com que o homem conquista do mais recondito dos sêres, a explicação do que n'elles ha de divino. «Porque a Divindade revella-se por sua essencia e acção em tudo o que é, e a razão considera todos os sêres sob o seu

aspecto essencial, eterno, por as ideias, que não são mais do que o irradiar da luz divina no mundo e no espirito (a).»

Reflectindo então o homem nas suas relações com a natureza, nas condições dos seus conhecimentos, descobriu, uma por uma, as leis do seu espirito, que formam a essencia da razão, as ideias de espaço, tempo, finalidades, etc.

Senhor das suas forças, encetou o homem o estudo psychologico de si mesmo, e começou a chamar á auctoria do seu pensamento todos os sêres, por meio d'aquellas ideias, que Leibnitz chamou pensamentos obscuros; Descartes, pensamentos innatos; Bacon, o sentimento divino; Kant, cathogorias da razão, finalmente, Krause, pela bôcca de Tiberghien, a manifestação viva de Deus no seio da humanidade.

São ellas o cabedal primevo, que a alma tem ao seu dispôr para explicar as coisas, primeiros principios da razão, porque n'ellas assentam todos os conhecimentos; primeiros porquês das coisas, porque fóra d'ellas não ha buscar a razão sufficiente de objecto algum, e seria a sciencia uma cruel mentira; leis logicas do espirito e elementos da razão, porque são ellas que fundamentam os juizos, e formam o espirito humano.

São universaes e permanentes, porque competem a todos os sêres, e os dominam em todo o seu desinvolvimento; abstractas e necessarias, porque não ha typo na natureza que as represente, nem objecto que sem ellas possa conceber-se.

Por meio d'estas ideias-mães, submete o homem a si toda a criação, chama ao seu exame todos os sêres, e os assimilha para o seu conhecimento e especulação philosophica; por ellas alfim opera o sabio uma segunda criação, conquistando o mundo para a sciencia.

Mas vae mais além, sóbe mais de ponto a grandeza e vastidão da razão humana.

Possuido o homem da ideia de causalidade, não pára a sua investigação incessante em explicar as relações dos sêres existentes no globo, de que é senhor e proprietario.

Sóbe o homem, como por uma escada maravilhosa, de causa em causa, e sómente se suspende, quando a sua intelligencia se vae perder absôrta no infinito.

Não ha dilucidar as condições do finito, sem alcançar-se, como de serie em serie, o infinito.

É esta a lei eterna do espirito humano.

«Quando elle quer remontar d'um effeito á sua causa immediata, esta mostra-se-lhe sem tardança um effeito d'uma causa superior, que, a seu tempo,

(a) Ahrens, *Philosophie du droit*.

o é d'outra ainda mais subida; o que conduz alfim a uma causa última, que não pôde considerar-se como effeito, isto é, a uma causa que elle de força tem de julgar procedente de si propria, guardando em si propria seu modo de ser.

Se elle quer remontar á cadeia dos passados tempos, é para ir encontrar-se com os humbraes da eternidade.

O finito, o relativo, o condiccional terminam por todas as vias no infinito, no absoluto, no incondiccional. O finito chama e necessita do infinito, o relativo do absoluto, o condiccional do incondiccional, o effeito da causa, o tempo da eternidade, as substancias contingentes, variaveis, diversas da substancia immutavel, necessaria .....

Nós vamos incessantemente, no movimento do nosso pensamento, d'um a outro, remontando, por meio de termos intermediarios mais ou menos numerosos, do finito ao infinito, isto é, da terra ao céu, ou descendo do infinito ao finito, isto é, do céu á terra; porque o infinito, o absoluto, o incondiccional, é o céu, é Deus (a).»

Assim é que a razão obriga o homem a viver, além do espaço e do tempo, para uma outra ordem de pensamentos, uma outra região de vida e de luz, representada no Ente supremo.

Eis o dominio da razão, personificado em Socrates na historia da humanidade.

Repassado o sêr humano do fogo sagrado e ardente da religião, satisfaz a sua propria necessidade e a da natureza, que se achou assim representada nas relações com o seu author, pelo homem, que, elevado a tal altura, comprehendeu o seu arrojado ministerio de *padre do mundo*, como lhe chama o sympathico propheta do seculo XIX, Eugenio Pelletan.

Está pois descripta, n'esta brilhante e progressiva aspiração da humanidade, uma solemne e evidente demonstração da supremacia do homem sôbre os outros sêres animados, que domina como soberano legitimo pelos gráus que a sua razão lhe confere.

Mas obriguemos o homem a figurar n'outro aspecto, nos seus proprios actos.

Não é dado aos animaes o conhecerem as leis porque se regem; á sua actividade e movimento senhoreia-os a necessidade; ao homem, pelo inverso, foi conferida autonomia, isto é, o poder de dirigir-se a si proprio, segundo os principios da razão: os seus actos não são destituídos de valor e responsabilidade, antes são attribuidos a si proprio, d'elle partem, porque se avanta pelas prerogativas da intelligencia e vontade.

(a) Barchou de Penhoën, *Essai d'une philosophie de l'histoire*.

Tem a vontade uma lei: — o tender constantemente a realisar o bem; todavia existem constantemente embaraços que a perturbam de proseguir direito o caminho do bem, que lhe é descripto pela razão.

Desacôrdo parecerá com a organização do homem a existencia de estôrvos, que implicam opposição á vontade humana; mas aqui se sobreeleva excelso o dedo do Creador e a dignidade do ente racional.

O embaraço, quebrantado e humilhado pela vontade, é mais uma victoria que ennobrece o homem, o exalta por sôbre as miserias da terra, e o faz crêdor do premio, do laurel devido ao sêr moral, que obrou com liberdade, isto é, exempção do mal, vencimento dos obstaculos, que a natureza semeou no tortuoso caminho da vida humana.

Temos pois mostrado á luz da razão e da historia, que o homem, sendo feito, em quanto ao seu pensamento, á imagem e semelhança do supremo espirito, é o filho dilecto de Deus; e, como tal, o mais perfeito dos sêres animados, o o primaz da criação, e soberano do mundo.

---

JOSE SEIXAS

## A ECONOMIA POLITICA, O PAUPERISMO, E O SOCIALISMO

(Continuação)

### II

L'esprit de prévoyance doit être chez l'individu avant que la société vienne à son secours.

Si celle-ci prend l'initiative, elle crée le paupérisme, et la mendicité; démoralise, elle manque son but.

M. JOSEPH GARNIER.

Primeiro que tudo, uma confissão, e essa eil-a:

Não é que no meio d'esta pleiada de reformadores, não existam alguns vultos nobres, e de esforçada dedicação pela causa da humanidade; não é que n'esse declamar febril não haja uma ou outra verdade, digna d'aproveitar-se; não é que o odio, e esse mal disfarçado rancor, que ressumbra de cada uma de suas palavras não tenha um motivo socialmente attendivel, e que os escusa, como homens. Não somos partidarios d'uma certa philosophia, e que parece ser a da moda, a qual vê nas *circumstancias* a justificação das maiores atrocidades; nunca iríamos tão longe, que condemnassemos Cicero para absolver a Catilina (a), mas tambem é certo que a historia, depois d'um pensar austero e paciente, descobre não raro o merito da virtude e da abnegação, onde a ignorancia vê apenas o crime e o egoismo.

O recondito d'um motivo, e que passa desaperecebido aos olhos da turba ignorante, resume muitas vezes a justificação do que, na apparencia, se chamam grandes crimes.

É porisso que a historia vê em Scevola mais do que um patriota fanatico; em Catão d'Utica mais do que um suicida covarde (e a quem, n'estes nos-

(a) Allude-se a Esquiroz.

sos bons tempos, os bonzos ou broncos de 'stringe e cogula negariam as honras da sepultura em sagrado); em Robespierre mais que um revolucionario, sedento de sangue; no punhal de Carlota de Corday mais do que um ferro homicida; em Luthero... talvez mais do que um heretico...

Se d'um puritanismo social tão meticoloso, como inepto, não consentis que o historiador austero e probo, absolva esses e tantos outros martyres da humanidade, não julgueis que elle vá sentar-se na lousa do sepulchro para, n'um juizo final, fulminar os que por amor d'uma ideia, d'um principio, embora falso, tanto soffreram; colligindo, estudando, meditando nos factos contradictorios de sua vida, descobrindo a mais austera virtude, a par do crime o mais hediondo, o odio dos individuos a par do amor de todos, o historiador pára, hesita... escreve uma longa reticencia, e não os julga.

Não temos por certo no animo equiparar os Campanellas, os Morus, os Cabets, os Fouriers a tantos outros, que, martyres d'uma crença, sobem resignados ao Calvario, e ahi expiram apodados, vilipendiados, escarnecidos, attestando ao mundo, que foram pelo menos sinceros; comtudo, como a estes, é preciso respeitar-lhes a intenção, e vêr nos seus excessos talvez o resultado d'uma impressão, que asentem todos os que têm a coragem de revolver as entranhas da sociedade, e de sondar-lhe, uma por uma, as ulceras que a corroem e chagam.

O que ahi fica dicto não é uma retractação, ou um como — *panitet me* — do que dissemos no artigo precedente; é apenas consignar aqui a opinião, cujas ideias participâmos, — de que as mais perniciosas doutrinas podem nascer d'um motivo justo, e que se pôde condemnar os principios, absolvendo os homens. É auctoridade insuspeita, e por isso a referimos, a de Balmes, o Chateaubriand Hespanhol, o qual, depois d'uma apreciação severissima do socialismo, *eschola da destruição*, como elle o cognomina, escreve os seguintes brilhantes periodos:

«E comtudo é forçoso reconhecer, que o aspecto da sociedade está longe de satisfazer as aspirações do christão, que se encontram n'ella desigualdades monstruosas, e terriveis calamidades; que se vê ainda a alegria ao lado da dor, o prazer insultando a miseria, o luxo fazendo um hediondo contraste com a nudez, a mais escandalosa prodigalidade sem piedade, sem entranhas para com a indigencia, e para com a fome.»

«Aquelle que concederia todas estas cousas, e não vê senão o que a terra lhe appresenta de triste e repellente.....

.....  
aquelle que se abandona ás vivas impressões de seu coração, e que vê assim o mal sem compensação, a dor sem esperanza, a perversidade sem castigo, o prazer criminoso sem remorsos, — esse deve protestar sem dúvida contra

essa espantosa desigualdade, que lhe parece reinar sôbre a terra, indignar-se contra uma injustiça tão irritante, pedir em altos gritos, um remedio para todos os males, e preferir, se tanto for preciso, a *subversão do mundo* (!) á prolongação de sua existencia em tal estado (a).»

## III

E os socialistas, que vêem o mal sem compensação, os prazeres criminosos sem remorsos, o crime sem punição, a virtude sem recompensa, seguem o conselho de Balmes — *preferem a subversão da sociedade á continuação d'ella em tal estado.*

E em verdade, reproduzi na imaginação o que presencias todos os dias, e todas as horas; que vêdes? O proletario, n'um involtorio d'andrajos, lividos os labios de fome, a estender as mãos resequidas ao Cresso aváro, que lhe volta as costas; o mendigo estirado n'um leito de palhas, leito talvez mais cruel que o de Procusto, a revolver-se nas vascas de agonia, em quanto que os Balthasares do tempo, que são os gastos do coração e os fallidos d'alma, se banqueteiam e embriagam na orgia de seus festins faustosos! O homem, que vive n'um meio social d'esta ordem, e que não tem ouvidos para ouvir a voz de Deus, que lhe brada:

*Bemaventurados os que soffrem e esperam.*

Esse ralado de scepticismo, deixa sahir dos labios a insultuosa e impia pergunta — *onde está Deus?* Não o accuseis por isso, porque este assômo de irrelição é o resultado da dor que lhe não deixa reflectir, que, para saborear a felicidade, é preciso, primeiro, chorar as lagrimas de resignação e do infortunio; não o accuseis, que esse homem, nem sequer pôde pensar:

*Que a felicidade vem a preço de lagrimas, como a consolação do salvamento a preço das agonias do infortunio (b).*

Que o preço d'essas lagrimas seja recebido n'este mundo, ou só na eternidade, que importa ao verdadeiro christão?

Adversarios irreconciliaveis das doutrinas socialistas, ou communistas, diferentes na apparencia, mas que se equivalem nos resultados, somos comtudo obrigados a respeitar nos seus sacerdotes, o motivo de taes excessos, ou loucuras.

Apraz-nos até crêr, que o desejo de salvar a humanidade é quem lhes affervora a fé nos seus insaciaveis systemas, se bem que esse engano d'alma

(a) Balmes, *Miscellaneas.*

(b) Camillo Castello-Branco, *Lagrimas abençoadas.*

lêdo e cêgo deve de ter um termo, porque as infelizes tentativas não consentem, que elle dure muito.

Serve-nos d'exemplo *Robert Owen*.

## IV

Existe o Pauperismo? Equivale a perguntar-se existe a luz, que nos allumia, e o ar que nos cêrca. Tendo uma causa complexa, que o origina, este facto social tem, a nosso ver, uma, que sobr'eleva a todas, e esta é — o excesso de população. Talvez alguém volte dos lábios um sorriso, mas d'esses, que nauseiam e compungem, e nos venha dizer, em tom de philautia *magistral*, que lá está aquelle principio *trivial*, aquella *lei geral* d'Economia Politica: *que a população cresce na razão directa das subsistencias, e reciprocamente.*

Este argumento, com que a sciencia balôfa tanto se abona, tem um pleno desmentido cá n'este mundo tangivel, que é o mundo das realidades.

Verdade é que nos Estados-unidos parece verificar-se aquella *lei*, mas aquelles povos são um argumento unico, solitario, e que nada prova; e se não volvei os olhos para a mofina Irlanda, a patria do immortal O' Connel, e vereis ahi o phenomeno inverso, prova de que a tal *lei* não é geral; os exemplos são aos milhares.

Esta superabundancia da população, debalde se procurará evitar, senão sobre-excitando no homem o conhecimento da propria dignidade, até que elle chegue a possuir a melhor das virtudes, a *previdencia*.

Certos espiritos, demasiadamente crédulos, vêm na Associação a panacêa de todos os males sociaes, e substituem, quanto podem, os exforços da comunidade, aos exforços do individuo!

Êrro funesto, ou illusão pueril.

Não somos nós tão desasisados, que desconheçamos os beneficios, que resultam da associação. O homem, que está só, corre o perigo de cair, sem ter mão amiga, que o erga, na phrase de Bossuet; e Lafontaine com razão escreveu:

Toute puissance est faible, á moins que d'être unie.

E quem ha ahi, que desconheça a parabola dos viandantes, de Lamennais, nas suas — *Palavras d'um crente?*

Ninguem melhor symbolisou a nossa fraqueza e a necessidade de *reunir* os exforços communs!

E todavia esse livro, tão repassado de sã douctrina, sendo cada linha uma maxima biblica, assulou as iras do vaticano, e teve as *honras* da excommu-nhão!

Isso não obstante, e sem desconsiderar a Associação, nos seus fecundos resultados, temos por sem dúvida, *que o homem é o melhor, se não o unico artista do seu bem-estar.* (a)

É pois na sua propria *previdencia*, que não na *philantropia d'uma comunidade officiosa*, que o homem deve procurar meios materiaes d'existencia para depois, poder elevar-se a melhor condicção moral.

*Prever é prover*, disse Bastiat; e *prover* é amar o trabalho, ser moderado e economico nas despezas, adquirir o habito de reflectir no futuro.

Ninguem deixou ainda de considerar a *imprevidencia* como causa geral da miseria, e a maior imprevidencia de todas é por certo a do casamento, e que se observa, por via de regra, nas classes infimas da sociedade.

Quando Malthus, vae em meio seculo, assignou como causa principal da miseria, e do pauperismo o excesso de população, indicou-nos em continente os remedios, ou meios d'evital-o.

Um é a propria providencia, que se incumbe de infligir-o; o outro depende do homem livre e racional, abstando-se *d'unões* loucas e precipitadas. Malthus, chamou-lhe constrangimento moral, hoje chamamos-lhe — prudencia, um dever, ou antes previdencia.

Esta theoria, exagerada pelos seus sectarios, chegou a ser deshumana.

Steuart, prohibia o casamento ás classes pobres: ideia impia, e que deve regeitar-se como offensiva das leis mais sagradas da natureza.

«A violencia é má conselheira: a sabedoria deve ter meios mais doces e efficazes para produzir o bem. (b)»

É certo porém, «que o pobre, em sua ignorancia, segue um instincto brutal; se hesita um momento em se casar, pensando no que, depois, se tornarão seus filhos, bem depressa se tranquilisa, e expelle de si a previdencia. Sofreu, mas viveu, seus filhos viveram e soffreram, como elle.»

«Assim se fórma uma população entregue á miseria, e fecunda em desordens (c).»

Ha ahí uma cousa, que se não vê, que se não palpa, e que dizem ser muito sensata.

Chamam-lhe, se me não engano, *opinião pública*: e essa concentra todas as suas esperanças, para evitar o excesso de população, e consequentemente obviar á miseria e pauperismo, na *emigração e colonisação*.

Nada mais illusorio.

(Continúa)

J. EDUARDO COELHO.

(a) GARNIER. (b) DEOZ. (c) DEOZ.

## O JORNAL

O orador passa; a imprensa fica. Eumenide eterna, tenaz, implacavel, tarde ou cedo desperta os que dormem.

A. HERCULANO

Bello coração e alma generosa devêra offerecer a natureza áquelle que vem repartir com seus irmãos pobres o sustento, que longas noites de vigilia e compridos dias de meditação, lhe custou a grangear: o sabio embebido em profundos estudos, descobre novas leis, novos principios, lida muito, mas para uma classe privilegiada — os homens da sciencia; — não assim o escriptor popular; este revestindo-se com a alva do missionario, ensina e instrue o povo, abre a sua bolsa opulenta de saber ao pobre de instrucção; não é rico avarento, mas homem caridoso, que se apraz de bemfazer a seus semelhantes.

Não é a Spinoza, austero e sombrio, ou a Descartes com seus vôos arrojados, a quem está reservada a missão de lhe abrir as portas da sciencia, e baptisal-o com as aguas lustraes do ensino.

Em geral o povo não é muito philosopho; gosta de rir e folgar á sua vontade, sem que o incommodem ou lhe tirem o somno as altas questões scientificas, que fazem agitar os sabios do mundo; pois a rir e folgar é que elle deve ser doutrinado até no que ha de mais difficil e penoso de entender-se.

Os aristocratas do talento affligem-se muito e não podem vêr que o «vulgo profano» se aquece e alumie ao fogo sagrado da sciencia; quereriam que a lampada divina ardesse suspensa em templo vedado á «populaça» como dizem; coitados! ignoram que todos sômos homens, e que só pela difusão das luzes poderemos chegar a esse nivelamento de condicções, onde terminará todo anciar da democracia.

Verdadeiro escriptor popular é o jornalista, que, deixando ao povo as festas e brinquedos, que lhe divertem e desenfadam os trabalhos da vida, sin-

cero e jovial, como elle, dá-lhe a provar o nectar precioso, que só aos Deuses era permittido libar; novo Licurgo cria o banquete publico, onde o pão espirital é dividido com egualdade ao pouco favorecido de saber.

Com a alegria nos labios e o bem querer no coração, cil-o lavrando aqui, semeando acolá, e muitas vezes assistindo proprio á ceifa da seára, para cuja prosperidade não foram poupados nem trabalhos, nem sacrificios; vigia de noite para de dia vir fallar ao seu amigo conversas cheias de sã doutrina e ensino util.

Disse algures philosopho de nomeada, que os jornaes são estes mensageiros, que vão d'um hemispherio ao outro, cantando e festejando as novas descobertas e as novas applicações, pondo-as ao alcance de todos e a todos ensinando; sentença realmente verdadeira, e que fará um dia a apothese do homem.

Marcou Deus ao jornalista a mais nobre missão que lhe podia incumbir; entornou-lhe ao nascer por sôbre a cabeça o balsamo da caridade, e disse-lhe—ensina teu irmão inexperiente; elle comprehendeu-o, e veio ao mundo desempenhar o cargo de que fôra revestido; pousou na face da terra; e os grandes, prevendo no futuro a emancipação do servo e do pobre, tremeram pela sua vida, e derramaram-lhe no caminho os espinhos do martyrio.

Em boa hora veio elle, pois, a despeito de quantas perseguições lhe fazem reis e senhores, a sua voz deixa sempre ouvir-se; em toda a parte apparece o jornal—agora e logo—quando se faz mistér; e a semente lançada no espirito de tantos homens, vae germinando e crescendo, até que um dia nasça a verdadeira liberdade.

A sua acção é lenta e vagarosa, mas por isso mesmo mais pensada e reflectida; senão deixa no povo a impressão do drama ou do romance, escreve-lhe ao menos no coração firmes convicções, que ninguem poderá abalar; civilisa-o e instrue-o, sem que elle dê fé da revolução, que começa a operar-se na sua intelligencia.

Por isso que o jornal vae aonde não pode ir o livro, por isso que elle não se envergonha de entrar tanto na officina do operario como no gabinete do letrado, eis o motivo porque é considerado como um elemento dos mais civilisadores, eis porque vae preparando as nações para a realisação d'essas bellas ideias, que em certa epocha não passavam d'um sonho de utopistas, como lhe chamavam.

N'um paiz, em que a imprensa é livre, ninguem póde dormir; o sol brilha sempre no oriente, prompto a acordar os que se descuidam de tomar parte na grande obra do progresso da humanidade; alli não fica pequeno ou grande,

que não receba a inspiração da sciencia; a intelligencia desinvolve-se e alarga-se; é tudo movimento, animação e actividade; o talento e a verdade, reinam sós acima de todas as mesquinhas ambições d'aquelles para quem a vida e ventura dos outros é nada, a sua tudo.

A sua linguagem facil e corrente, o seu estylo ora arrendado de flôres, ora serio e grave, casam-se a todos os engenhos, desde o menos polido até o mais cultivado; ninguem ha que o não estime e prese, porque sem pretensões a todos ensina; uns estudam-no e meditam-no, outros por elle conhecem o movimento litterario do mundo; a prophesia pois de Renaudot, realisou um pensamento, que n'aquelles tempos apenas começava a bruxulear pallido por entre as trevas do futuro.

Accusam-no muitos, attribuindo-lhe baixezas, crimes, ignominias, e tantas cousas, que fariam arripiar de medo a quem não estivesse informado nos beneficos resultados, que por toda a parte vae exercendo; mas elle, rindo-se das injustas recriminações, com que pretendem accusal-o, deixa a sua passagem assignalada com as benções dos que lá se instruíram na palavra de Deus.

Se, ao despegar do trabalho o encontra o homem do povo, acolhe-o logo com um «bem vindo» ao uso d'aquelles arabes que muito se alegram de receber debaixo do colmo da sua choupana o estrangeiro, que pede o agasalho da noute.

Lê-o, e aprende em uma hora o que nunca saberia talvez em toda a vida, se por alli não passasse a mão caridosa, que lhe deixou cair no regaço a sancta esmola da instrucção.

Bemdito seja elle, que levou abundancia aonde havia mingua, que espalhou flôres aonde havia espinhos e abrolhos.

É bella essa hora em que o operario, cançado do trabalho do dia, extenuado de fadiga, lê com sollicitude o livrinho popular, que lhe conta cousas tão novas e tão maravilhosas, que o enleiam e suspendem em extasis realmente arrebatador; não ha alma tão deshonesta que não deixe de saudar com effusão de ternura este quadro de familia, em que o filho lendo ao pae, á mãe, e aos irmãos, os vae instruindo, e lhes dá a provar o pômo da arvore, que bons e «só bons fructos» produz.

A instrucção ganhada d'este modo, é forte, é poderosa; as ideias ahi bebidas gravam-se tão fundas na alma, que a custo de lá se poderão delir; não ha a commoção do instante, essa que nos faz verter lagrimas de piedade ou temor; mas ha a reflexão que não passa facilmente.

Trabalhar assim por amor d'aquelles, que nos estão de continuo enchendo

de bens, e em cujos labios não se encontra uma palavra de maldição para o soberbo, que os zomba e escarnece, deve de ser o desejar supremo da intelligencia humana;—deixae a esses, que alardeiam vão orgulho de velha e cachetica nobreza de maiores illustres, escarnecer o povo, que vae ganhando terreno palmo a palmo, até que a sacrosanta bandeira da democracia tremule aos quatro ventos livre e desimpedida; deixae-os com seu louco blasonar de brazões, que o dobre do finado ha de um dia entoar-lhe o ultimo hymno a seus ambiciosos privilegios.

Por em quanto dêmo-nos pressa a preparar o terreno, donde deverá nascer esplendida e vigorosa a arvore da liberdade; ninguem se pôde eximir d'este nobre encargo; é necessario que as forças de todos concorram, porque possamos alcançar a regeneração moral, de que sômos capazes; ai d'aquelle que vender a sua consciencia ou sua palavra; a historia far-lhe-ha justiça e lançará sôbre as suas cinzas a execração da posteridade.

Ao jornal está reservado o livramento do fraco e do opprimido; cumpra elle a sua missão, e os homens entrarão no conhecimento de seus direitos, que por mãos alheias andam vendidos e usurpados; «o jornal, diz Hyppolito Castille» foi em 1830 o quarto poder do estado; algum dia será mais que quarto poder, será unico, quando a realza da intelligencia e do povo substituir essa, que por abi corre como boa, e que muito falsa é.

Respeitemol-o e veneremol-o, pois, como bom mestre, que sem córar de vergonha diz a verdade; felicidade por aquelle, que comprehendeu e cumpriu á risca o seu dever; as estatuas e pyramides consomme-as o tempo, mas a memoria do grande homem passa viva e immaculada através das gerações, que a cubrirão de bençãos, e lhe regarão o tumulo com as lagrimas do reconhecimento.

ALBERTO SAMPAIO

## A PESCA NOCTURNA

### O Candeio

Involta em seu manto fulgido,	O mais dextro, o mais intrepido,
De estrellas mil recamado,	Brande a fisga farpeada,
Sóbre o Tejo aljofarado,	E em pé na prôa abrazada
Veio a noute repousar.	Peixe espera d'agua á flor:
Jaz em calma o vasto pélagó;	O povo do mundo aquático,
Bafeja apenas a brisa,	Ao vivo clarão do lume,
E a vaga vae mansa e lisa	Insano corre em cardume
A argentea praia beijar.	Da morte encontrar a dor.

Eis larga d'um cáes de marmore	Á pôpa, seus cantos melicos
Leve bote illuminado,	As damas ledas entôam,
Sob o tóldo engrinaldado	E os risos, e as palmas trôam
Damas lindas leva á ré;	Estrepitosas no mar;
Mancebos muitos, e em jubilo:	Do vinho embriagante os calices
Um accende o facho á prôa,	A todos prazer inspiram,
Outros remam, mas á tóa	Manjares em volta giram
Vogando vão co'a maré.	Co'os bons ditos e o folgar.

Através das ondas placidas,  
O batel alegre e airoso,  
Deslisando vagaroso,  
Ruido e luz deixa apóz.  
As horas passaram rapidas;  
— Reinava louca a folia! —  
Foi-se a noute; e só o dia  
Á festa remate poz.

Margem esquerda do Tejo, Agosto de 1839.

BERNARDINO PINHEIRO

## DOR EGUAL

Ao meu amigo Severino de Sousa Azevedo

(DEPOIS DE LER A SUA POESIA — A DEUS)

### I

Tambem vaguei á sombra das palmeiras,  
Longe d'aqui, na americana plaga;  
E ouvi no verde cimo das mangueiras  
A araponga cantar;

Nas meigas horas, em que abranda a calma  
Sôpro de aragem, que entre as folhas vaga,  
Seu canto veio alliviar-me na alma  
O tão longo penar.

Vi lá, de flor em flor voejando bellos,  
De nectar recolher as gottas suaves,  
Esses, que o Indio chamou — do sol cabellos —  
Mimosos guanumbys:  
Bellezas via, perfeições, primores,  
No céu, nas flores, nas variadas aves;  
E ao céu, e ás aves, perguntei, e ás flores:  
— Porque não sou feliz?! —

### II

E as aves, e as flores, e os céus responderam,  
Nas vozes, no aroma, nos astros, que têm:  
— « Venturas não podem sentir os que vieram  
Tão longe da patria viver sem ninguem.

Não podem! Que, longe de paes e parentes,  
Das selvas, dos rios, dos montes nataes,  
No peito lhes brotam saudades pungentes,  
Que não se entibiam, não morrem jámais...

A ti, que tua patria e familia deixaste,  
Não póde sorrir o formoso Brazil;  
A terra distante, em que a vida encetaste,  
Sempre has de julgar mais do que esta, gentil.

Ás flores, tão bellas, que esmaltam os mantos,  
Que Deus desenrola nos campos do sul,  
Não achas perfumes, não achas encantos,  
Como ás que enamoram teu céu tão azul.

No céu as estrellas, que lá conhecias,  
Aqui não encontras, não têm brilho igual;  
Ás aves não ouves canções e harmonias  
Das aves, que nascem no teu Portugal.» —

## III

Depois á patria regressei, julgando  
Na patria vir consolações achar;  
Mas foi ventura, que entrevi sonhando,  
Só mais desgostos consegui provar!...  
E agora posso, já na terra linda  
Do meu paiz,  
Dizer com prantos: — Porque sou ainda  
Tão infeliz?! —

Nem só tu és desventurado, amigo!  
Nem só tu sabes quanto punge a dor!  
Tambem eu posso prantear contigo,  
Que tambem clamo: — Compaixão, Senhor!  
Mas inda espero com sublime crença  
Que aos males meus  
Remedio venha da bondade immensa,  
Do amor de Deus!...

E tu, que ainda ao começar da vida,  
 Deixaste o solo, que te viu nascer;  
 Que foste, longe da natal guarida,  
 Como eu, do exilio o amargo pão comer;  
 Tu, que a saudade e a mesma dôr soffreste,  
 Qual eu soffri,  
 Acolhe a queixa, que tambem fizeste,  
 Que eu faço aqui.

Coimbra, 10 de Abril de 1860

EUGENIO DE BARROS

## GOSE E DOR

Ao meu amigo João Antonio de Sousa Vilhena

Por dentro das grades d'um velho mosteiro,  
Que pomba, que fada, que filha do céu!  
As negras madeixas lh'involve ligeiro  
De gaze finissima um candido veu.

Oh! grades avaras,  
Deixae-me prender  
N'aquelles cabellos;  
Meus longos anhellos  
Cumprir... e morrer!

A face tão bella, de pallida alvura,  
Na dextra mimosa deixava poisar;  
E os olhos brilhantes, d'amor e ternura,  
Trocava-os comigo, n'um rapido olhar.

Oh! grades avaras,  
Deixae-me accender  
N'aquellas estrellas;  
Deixae-me com ellas  
Brilhar... e morrer!

Nos labios de rosa, pairava de leve  
Sorriso innocente d'um sér virginal;  
O pranto soltava-se em gottas de neve,  
E os lyrios banhava de collo ideal!

Oh! grades avaras,  
Deixae-me revêr  
No collo formoso;  
A vida n'um gôso  
Cifrar... e morrer!

Os psalmos divinos n'um livro rezava,  
Que linda não era na santa oração!  
Do peito lhe vinha, da bôcca manava  
A prece tão dôce do seu coração.

Oh! grades avaras,  
Deixae-me beber,  
Na bôcca de peijo,  
A vida n'um beijo...  
Gosar... e morrer!

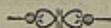
Caladas do orgão as vozes cadentes,  
Do triste silencio s'involvem na dôr;  
E só da minh'alma suspiros ardentes,  
No ferro das grades, se quebram d'amor!

Oh! grades avaras,  
Deixae-os romper  
Suspiros d'est'alma;  
D'amor uma palma  
Ceifar... e morrer!...

As trevas da noite já vinham descendo,  
Ao lucto do templo seu lucto casar;  
E a porta do côro, nos gonzos rangendo,  
Da vista a donzella me veio roubar!...

As grades, ao menos,  
Deixavão-m'a ver!  
Agora... perdida!...  
Que resta na vida?!  
Penar... e morrer!...

## À BEIRAMAR



Ora, diga, Julia, gosta  
Das tardes á beiramar?  
Do roxo d'aquella encosta,  
D'este socêgo da costa,  
D'esta frescura do ar?

Aqui não temos os cantos  
Das aves, cheios d'amor;  
Nem ha tambem os encantos,  
Que dá a aurora em seus prantos  
Ao tenro calix da flor.

Da onda que chora e geme  
E vem na areia morrer?  
Do piloto juncto ao leme  
Da barquinha, que não teme  
N'estes rochedos bater?

Mas a onda que se espraia,  
Mas este céu que sorri,  
Mas este sol que desmaia,  
E estes murmurios da praia,  
Não têm encantos pr'a ti?

Sim... oh! têm muitos — disse ella —

Mas este céu de chrystal,  
Este mar, aquella estrella,  
Roxa encosta, branca véla  
Tudo sem ti... nada val!

A. T. DE UTRA-MACHADO

---

## ESBOÇOS BIOGRAPHICOS

### O INFANTE D. HENRIQUE

#### V

Rapido corria o seculo xiv, proximo já a tocar seu termo. Mil trezentos e mais annos eram já passados desde que, no cimo do Golgotha, expirára o martyr divino, proclamando principios, que alteando o homem até á concepção de seus sublimes destinos, alentando-lhe a fé e engrandecendo-o em dignidade, deviam tambem abrir-lhe á intelligencia horizontes novos, alargando-lhe ante os olhos o campo infinito da sciencia e da verdade, que até ahí, nuvem espessa de erros e prejuizos, só lhe havia dado rastrear.

E com tudo jazia ainda em trevas o mundo christão, e a Europa, avexada não sei porque genio malfasejo, apenas começava agora de sacudir de si — aqui e alli, a espaços — o torpor moral que a opprimia. Longos seculos de barbaria haviam pesado sôbre este velho solo, e o rijo lidar das pejeas desterrava para bem longe as luctas do pensamento. Só a Italia e a Grecia, essas duas patrias validas do genio, as bem amadas da inspiração, pareciam conservar ainda reminiscencias saudosas dos tempos do seu esplendor. Já Dante, vasára na sua maravilhosa trilogia, de involta com as torturas do pensamento, as dores de sua alma angustiada; mas ainda Guttemberg, occulto nas sombras do futuro, esperava a sua hora para surgir, actor gigante, no grande drama da civilisação.

Constantinopla, curvada sôbre os pergaminhos herdados das eras passadas, sequestrada do resto do mundo, repartia-se entre as luctas intestinas do poder e da ambição e o estudo dos thesouros litterarios legados pela antiguidade classica.

Mas uma e outra pertenciam demais ao passado. Textos da Biblia, passos

dos doutores da egreja discutiam-se e glosavam-se d'involta com Virgilio e Juvenal: mas a sciencia, a verdadeira sciencia, o estudo de Deus, do homem e do mundo, essa pertencia muito ao futuro para que a Italia e a Grecia lhe podessem dar um instante de suas lucubrações.

E Portugal que fazia então? Portugal não escapára á sorte commum da Europa. Vira o velho poderio romano desabar aos golpes desapiedados do *frankisk* das hordas barbaras, que a seu turno tambem, depois de cumpridos os destinos providenciaes, tiveram de ceder o passo aos ardentes e indomaveis filhos do deserto Africano. Presenceára depois a lucta tremenda da cruz contra o crescente, embate de duas crenças inimigas, que, palmo a palmo, disputavam o dominio d'um solo, a que uns e outros haviam direito de dar o sancto nome de «patria.»

Vencêram alfim os filhos do Evangelho, e os do crescente, apertados entre muralhas de ferro, que mais e mais se estreitavam em cada dia, e o oceano que lhe rugia já o hymno da agonia, tiveram de novo de saltar o estreito, a se acolherem por detraz dos muros da velha Septum.

Repousava agora, como o guerreiro, que depois de rijo batalhar, não reputa desaire ou cobardia encostar por um pouco a cabeça afadigada, para depois correr mais ousado e mais forte a novas pelejas.

## VI

Não é porém entre o lidar das batalhas, mas sim no remanso da paz, que a intelligencia se engrandece, e o espirito adquire forças para os mais arrojados commettimentos no mundo das ideias. Rebôa muito ao longe o echo das pelejas, para que a alguém seja dado o entregar-se ás severas meditações, que requerem os trabalhos da sciencia.

Portugal, que, como toda a peninsula, se vira por seculos transformada n'um vasto campo de batalha; empenhado sempre em luctas, já contra os de Mahomet, que palmo a palmo lhe disputavam uma terra a quem como sua queriam e defendiam, já contra o orgulho e ambição de seus vizinhos; Portugal, ainda então o combatente aguerrido, rico de forças, de seiva e de vida, mal tinha tempo d'um momento encostar em descanso a fronte coberta de louros e de suores. As noites mal dormidas não as consummia elle nas vigílias e lucubrações d'um profundo meditar; não, que ainda muitos filhos do deserto se pavoneavam no solo das Hespanhas, que só deviam possuir como leito de seu somno derradeiro!

Mas retrogrademos um pouco, a vêr se por ventura a nação se achava

preparada para dignamente representar na grande scena do mundo o papel civilizador, que no céu lhe fôra destinado.

Sobre o velho mundo romano passára outr'ora o bulcão impetuoso do norte. As rajadas violentas da conquista derrubaram o edificio gigante d'uma civilisação de seculos, e as suas ruinas alastraram todo o solo Europeu. A civilisação nascente encontrou-as depois, e buscando-lhe os vestigios espalhados aqui e alli, foi pouco e pouco e laboriosamente recompondo o edificio derrocado, modificando-lhe em partes a contextura, n'outras ampliando-o, e cada vez mais consubstanciando-se uma e outra através das edades.

Era um trabalho de longos seculos...

Veio então a invasão sarracena varrer de novo no pó a tão laboriosamente architectada fábrica. Mas ahí toda a conciliação era impossivel.— Era o embate formidavel de duas crenças rivaes, embate de que só sangue e ruinas podia resultar. A fé perseguida, com uma mão segurando a cruz, que parecia querer desabar, empunhando com a outra o ferro vingador, foi acoutar-se, buscando um abrigo, entre os cêrros alcantilados das Asturias. D'alli os foragidos só levavam aos conquistadores da península a morte e o extermínio, que com elles voavam pela calada da noite, através das povoações terrificadas.

Veio a cruz por fim a vencer, e pôde então hastear-se livre em todos os angulos da Hespanha. Um povo surgiu d'entre estas luctas gigantes, pelo qual se cumpriram depois na terra grandes designios da providencia.

Achava-se porém este povo preparado para o cumprimento de tão elevada missão? O campo das batalhas fôra-lhe até então unica eschola, a desgraça, seguro mestre em arrostar com as tribulações da vida. No infortunio aprendêra o verdadeiro stoicismo, coragem das grandes almas, que os nossos illustres capitães heberam com os primeiros leites, e que depois os tornou rivaes dos heroes da antiga Roma.

Mas a sciencia, essa luz divina, que Deus só revela ao homem a custo de muita vigilia e muita fadiga; a sciencia, que dirige a vontade e o braço, que domina o pensamento e a acção, e sem a qual a maior coragem e a mais viva crença não são mais do que grandes forças inactivas, á falta de direcção, admiraveis inutilidades?

Essa não tivera ainda o rude guerreiro tempo de aprender. Povo, então ainda na sua idade heroica, poeta, porque, como diz Chateaubriand, n'essa idade todos o são, já em seu seio vira nascer mais d'um trovador enamorado; suspirára ouvindo as maguadas endeixas d'Egas Moniz, e, ao escutar o *Rouço da Cava*, aprendêra a detestar a traição e os traidores. Já Vasco da Lobeira, no seu *Amadis de Gaula*, romance de cavallaria, poema, que assim se pôde chamar, dos altos feitos d'então, ensinára ao povo como a bravura se pôde

casar com a galanteria e nobreza. Talvez já então Fernão Lopes, pae da nossa historia, começasse a revolver na mente a materia d'aquellas singellas chronicas, que tão affamado o tornaram ao depois.

Era então ainda a primeira infancia das nossas letras. Era o primeiro balbuciar d'um povo, que começava a sentir em si necessidades d'ordem superior aquellas, que até alli lhe tinham absorvido todo o viver. A poesia appareceu primeiro; seguiu depois a historia. Mas a sciencia de longas e profundas investigações, de aturado e reflectido estudo, essa esperava ainda a sua hora, tinha de seguir a marcha da civilisação europeia.

## VII

Escassas luzes de sciencia nos legára a antiguidade; e se escassas eram bem mais apagadas chegaram até nós.

Certo é que o Christianismo, com a sua moral pura e sancta, transmitira á civilisação moderna ideias precisas de direito e philosophia, porque essa religião realisára o ideal de todas as civilisações, e as páginas divinas do Evangelho são a synthese admiravel, das doutrinas philosophicas do velho mundo ampliadas e desinvolvidas por uma razão superior e inspirada. Essas páginas eloquentes de verdade e sentimento chegaram até nós; acompanharam o mundo moderno na sua marcha atravez dos seculos; esclareceram-a e guiaram-a; presidiram e presidem ainda hoje, cada vez mais, ao desinvolvimento progressivo da *ideia* no seio da humanidade.

Essa sciencia, a sciencia de Deus e a do homem em frente de si mesmo e em face dos outros homens, essa legára-a perfeita o velho ao novo mundo n'esse sublime *testamento*, não d'um individuo ou uma nação isolada, mas d'uma civilisação inteira, que não quer morrer sem deixar de si uma recordação ás gerações que vão seguindo.

Mas nem em todas as epochas da historia da humanidade podem esses principios ser igualmente apreciados. Os effeitos d'um principio não se medem tanto pela falsidade ou verdade absoluta d'elles, como pela maneira porque são interpretados, pelo modo por que se applicam e se lhes tiram as consequencias prácticas. Todas as sciencias, a moral, o direito, a philosophia, o conhecimento do mundo phisico, todas entre si tem vinculos communs, que as estreitam, porque todas junctas não formam mais do que uma só sciencia, todas tendem a um unico fim, o estudo de Deus nas suas obras, ideia do infinito, que toda a creação revella, quer a estudemos na alma humana nas leis da sua razão, nas suas relações, quer na natureza phisica do Uni-

verso, na rotação dos planetas, nas transformações da materia e nas leis, que a ellas presidem. Todas se ajudam, porque todas brotam do mesmo centro.

Para que pois as ideias de moral e de direito, que os antigos nos legaram, podessem arregar-se bem nos animos, desápertar em flores e arribar a bom fructo, era mistér que todas as outras sciencias as coadjuvassem. Era isto exactamente o que se não dava na época a que nos referimos, porque «o conhecimento da natureza, considerada na sua universalidade, a contemplação do mundo phisico, o estudo da acção simultanea das forças que se exercem na terra e nos espaços celestes,» como diz Alexandre de Humboldt, (a) todas estas noções eram ainda então bem apoucadas, se não totalmente nullas.

(Continúa)

ANTERO DO QUENTAL.

(a) Cosmos — Développement progressif de l'idée de l'univers.

Esas sciencias, a sciencia do Deus e a do homem em si mesmo e em face dos outros homens, essa legára a herança o velho ao novo mundo e esse sublime testamento, não d'um individuo ou uma nação isolada, mas d'uma civilização inteira, que não quer morrer sem deixar de si uma herança para as gerações que vão seguindo.

Mas nem em todas as épocas da historia da humanidade podem estes principios ser egualmente applicados. Os officios d'um principio não se medem tanto pela falsidade ou verdade absoluta d'elles, como pela maneira porque são interpretados, pelo modo por que se applicam e se lhes tiram as consequências practicas. Todas as sciencias, a moral, o direito, a philoſophia, o conhecimento do mundo phisico, todas entre si tem vinculos communs, que as estribam, porque todas jactas não formam mais do que uma só sciencia, todas tendem a um unico fim, o estado do Deus nas suas obras, idem do infinito, que toda a criação revela, quer se estude nas suas manifestações da sua criação, quer se estude nas suas manifestações phisicas do Universo.

## MARTYRES DA SOCIEDADE

### II.

#### o Suicida.

— Porque vaes assim serena e melancolica, ao esconder do sol, por sobre a margem do rio, como quem desperta de saudades?

Porque deixas ao correr da aragem o véu de gaze, que te foje e se desprende, como a folhinha do lyrio?

Porque a fimbria do teu vestido beija essas flores, que te suspiram aos pés um ai d'amor?

Oh! porque foges d'encontrar n'um olhar meu o reflexo do meu pensamento, como a restea de luz, que se desprende do céu?

Vem! que eu amo « gôsto amargo »  
Da saudade!

Amo! porque a magestade d'aquella imagem, a belleza d'aquelle pensamento, que se desenha entre o horizonte e o infinito, me diz amor.

Amo! porque o cedro, que desafia a tempestade, e a florinha que beija o arroio; o aréal, que afogucia o espaço, e o oasis, que suavisa o soffrimento; me diz amor.

Amo! porque o crepusculo da tarde tem mysterios queridos, tem enlévos indefiniveis, tem sentidas aspirações, que só as sabe quem — por sobre os degráus da cruz — vê os ultimos raios do sol esconder-se no oceano, e ouve o cicio da aragem a summir-se no regaço da ventura.

Oh! ainda me lembro d'aquellas horas suaves e tristes, quando eu meditava aqui, idealizando um sonho, sem a realidade ao pé de mim, bem juncta do coração.

E breve se summiu esse passado, como a nuvem dispersa pelo vento, como a sombra esvaecida pela luz.

Depois de nos morrerem assim as nossas mais queridas illusões, porque

illusões são todos os prazeres da vida, resta-nos só «a recordação e a saúde!»

E o infeliz vem contar os seus segredos á margem do rio, á flor do campo, á cruz do valle, e vae um suspiro — da sua alma, que o menor sôpro da vi-  
ração apaga, como a vaidade do homem.

Sombra errante do tumulo, que o viu nascer e sorrir, crescer e chorar, morrer e soffrer, vive só alguns momentos de consolação n'estas horas de suave melancholia, de triste devaneio.

Sente a poesia na alma,  
A magna no pensamento.

Não sei o que pensava o homem, quando na immensidade da criação via ante si o universo e o infinito, Deus e a sua palavra, elle e o mysterio.

Diz Milton, que quizera subir para o céu, que quizera alar-se ao seu Creador.

Alar-se ao seu Creador, subir para o céu, fôra de certo o primeiro pensamento d'aquelle, que vinha a este exilio regar de lagrimas os espinhos da existencia. Devia sê-lo.

O nosso coração no vacuo immenso, que o circumda, n'este ancian infinito do summo bem, pulsa continuamente pela felicidade... embora ella, caprichosa e inconstante, se mostre sempre tão variada, tão enganadora, tão illusoria até.

Dês'que o primeiro sorriso de mãe nos acariciou no berço, até que o psalmejar da morte nos abriu o sepulchro, nós, martyres do nosso destino, da esperanza, que nos afaga e illude, pagamos-lhe o unico preito de lagrimas, que nos impoz Deus.

É incomprehensivel!

Que o Eterno gravasse em nosso coração este anhelar perpetuo de felicidade, este ancian incessante de maiores prazeres, e que nunca nos desse a realidade dos nossos sonhos, a aspiração da nossa fé?

Não!

É que o destino do homem não foi nascer e morrer, e esconder-se no pó, e misturar a sua ossada com os vermes do morto, e passar ao segredo da campa, como ao mysterio d'aquelle jazer infinito.

Não!

É que além do último sacrificio, hasteada alli a cruz da salvação, — ha a voz de Deus, que pôde evocar do reino das sombras o espirito do criminoso e do justo, que pôde dizer ás gerações — surgi, — que pôde do nada á eternidade bradar — *fat!*

Oh! que os mysterios d'além tumulo não são crueis, como os da existencia.

Quem abriu a primeira vez o grande livro da vida, e viu ahí uma só página, que não fôsse de lucto; esse que contou um intervallo na sua existencia, defêso ao soffrimento, se a illusão ou a mentira não lhe amargou a esperanza, póde dizer que foi venturoso.

Quasi sempre sentimos rasgar-nos o coração os espinhos da dôr; porque Deus áquelles, que ama, prova n'este destêrro com o soffrimento.

Quando a aspiração, que nos eleva e quasi felicita, traduzida pela amargura da realidade, sóe amostrar-se cruel e desditosa, se alguém ha ahí, que ao desengano não traga junta a desesperança é porque tem a alma superior ao barro mesquinho do homem, e para um destino acima do mundo das decepções...

Digo-o! que não resiste quem viu toda a sua ventura, concentrada no sorriso d'um amor, que julgou uma visão do céu, se depois se lhe transformou aquelle amor na desesperação do precito. E tudo o que tende a mysterios do coração sáe assim.

Aquelles que sentem em sua alma alguma cousa mais do que o egoismo, e o somno insensível da indiferença, e não se movem como o automato, ou como o depravado stoicismo d'uma philosophia ímpia, esses que o mundo despreza e escarnece, porque não sabem cuspir a injúria na face do desgraçado, bem fundas lhe varam o seio as provações do soffrimento.

A sociedade não lhe importam as penas íntimas do justo, que teve força bastante para não vender a consciencia ao ludibrio do seu semelhante.

Julga só dos padecimentos que tem lagrimas, e não cura d'est'outros mais terríveis, porque se identificam em nossa alma, e nos soffocam, e nos esmagam, sem que um suspiro possa traduzil-os, ou um lamento possa atenual-os.

Que lhe importa a ella, que vive na immensa orgia dos seus prazeres criminosos, a desesperação de quem luta com a morte das suas mais dôces illusões, e pede ao esquecimento de si um alivio ás penas que o dilaceram?

No meio da sua afflicção, que não echôa no amor dos outros, elle vê apenas o mysterio d'outra existencia, como a luz encantada do seu futuro de esperanças.

E crente na fé d'aquelle sonhar meigo e suave, vae hastear a cruz da morte, que lhe deu o martyrio, sôbre o termino infallível dos males que o torturam.

Passa pelo mundo como o estrangeiro que perdeu a patria, o berço de flôres da sua querida patria, e anhela do íntimo soffrer do exilio o repouso esquecido á sombra de seus paes, ou a vida infinita no seio de Deus!

Para elle o sol que brilha esplendido, a natureza que enflorêce de prodigios, o mar que se expande na vastidão do espaço, o céu que se inclina para abraçal-o na última orla do horizonte, Deus cuja imagem se desenha n'aquelle enlace magestoso, não tem o indefinido e vago da esperança; o suave, embora triste, d'uma saudade; o elevado e sublime da aspiração!

Oh! quem foi, a horas caladas, ao elevado pinçaro do promontório, e viu d'ahi as ondas do oceano rolar e debater-se contra os rochedos da praia; quem n'essa magestosa epopeia da natureza descobriu o mysterio da vida do homem, impellido pela mão do Eterno; quem contemplou uma só vez na existencia a immensidade do mar, e a immensidade do céu, e sentiu n'alma a cerração da incerteza, e a reflexão melancholica do soffrimento...; esse pôde gravar em sua mente aquella imagem do coração, porque é verdadeira.

No encrespar da vaga, que se contorce e se despedaça entre os braços de ferro do gigante das fragas; n'aquelle rugir de raiva e desespero, que são das entrânhas do mar, e vem morrer mesquinho á solidão da praia, como um ai do moribundô; n'esse estertor funebre e solemne, por horas desertas, em noute medonha e triste, que lá ao longe se escuta e se aperece na cerração da tempestade; em tudo isso, que constitue a magnificência e o terror, o assombro e a anciedade, o desalento e a amargura, resume-se a lingoagem do soffrimento, da angustia, da desesperação.

Se o coração do homem não realisa a similhança do quadro, é só quando desfeito no pó dos tumulos, não sente o embate das paixões, como o rochedo o bramir das vagas.

Ahi, que o mysterio lugubre da incerteza estendeu seu manto de dúvidas e afflicções... não pôde o orgulho da intelligencia profundar esse abysmo da eternidade, se tem de passar pela ossada do morto, como pela barreira de ferro da última descrença.

E esta dúvida, que esmaga o coração do virtuoso e do impio; este sello eterno que Deus gravou na sepultura, como na immensidade de seus designios; oh! bem amargo é para quem vac, martyr de illusões, esconder-se no pó das suas esperanças.

E eu fui, horas desertas, estudar o mysterio da morte.

A cruz sumia-se ao longe, entre o verde-escuro dos cyprestes, como triste do somno eterno dos finados.

Era horroroso aquelle silencio lugubre e sinistro, que estendia o véu da incerteza por sôbre as gerações extinctas.

Meditai!

A verdade não podia penetrar no reino das sombras, como a luz não pôde penetrar no reino das trevas.

Mas o impio e o virtuoso estavam alli.

O mesmo pó lhes cobria o seu leito de angustiadas esperanças, ou de terríveis desesperações; a mesma pedra lhes pesava no coração o anathema do Eterno; a mesma loisa lhes fechava saudosa a benção d'um amigo.

Se para ambos abre a sepultura igual destino — é porque não ha para o homem o oasis da vida, além do deserto da virtude.

Não ha?...

Ide, a horas mortas, ao recinto do templo, alumiado apenas da alampada mortuaria do sepulchro; entrae, quando ao longe o vibrar pausado e melancolico do sino — acorda os echos da noite com essa voz solemne e triste do finamento... se vos não cair uma lagrima sôbre a loisa d'um irmão; se o pranto da saudade não orvalhar a campa d'uma afeição esquecida... se a prece do amor não vier aos labios, como um impulso do coração e da virtude...; se vos não maguar o sofrimento da vida, e a esperança de Deus vos não segredar a ventura no seio da verdade eterna... vós sois como a sombra da noute, que nenhuma luz ou estrella clareia, na escuridão da infinita descrença.

Dêe esperança do céu! sonho dos anjos!

Vives na solidão!

Fulgida luz do céu — surges benedicta,  
Como a face de Deus!

A esperança do infeliz é uma sombra de máguas e de provações.

E as provações déra-lh'as a vida; déra-lh'as o cynismo torpe e devasso do inimigo de suas penas; déra-lh'as o homem.

A sua memoria, amaldiçoada das turbas, desaparece entre as execrações de hypocritas, que não sabem desfolhar sôbre a sua loisa um goivo de tristeza, nem rezar pela sua alma uma prece de caridade.

E passa ella esquecida para a memoria dos que não soffrem, e deixa no transitio da desgraça as penas que o mundo não comprehende.

E passa o justo que cingiu a corôa de espinhos, e verteu o sangue da vida nas flores da sua desventura, porque antes quiz leval-as comsigo, para depois gosar o perfume d'ellas no seio de Deus, do que abandonal-as aos pés da sociedade, que nem lhes daria uma lagrima, ou um suspiro.

Crete na justiça do Eterno, sabe que além das trevas, por onde vaga incerto o destino do homem, aqui onde a virtude se encobre nas vestes do desalento, depois de ter passado a via dolorosa do supplicio, que o purifica no embate das provações; sabe que o premio está alli, no descanso do justo, á sombra da verdade eterna.

Para elle o último gemido é o primeiro gôzo; a última despedida do moribundo o primeiro abraço da ventura.

E os martyres tem a benção do Senhor.

Aquella corôa de espinhos é a grinalda da gloria.

Aquelle ancian de desalento, é o aspirar á felicidade.  
Se a verdade não é um sonho, que se nos mostra no vago devaneio da imaginação, e nos esforça contra o tumultuar de tantas amarguras, que nos cercam, nós devemos esperar a vida d'além do tumulo, a immortalidade.

Oh! o suicida, na sua alma, abraça-a, como o naufrago o rochedo escarpado, que lhe pôde dar a morte e a vida; como o exilado a última recordação da sua terra natal, que d'entre os prantos da saudade lhe apparece; como a luz d'uma esperança bemdicta, que para seu allivio fulge.

Pois esse, que, no verdor dos annos, na seára das suas colheitas d'amor, quando as rosas não lhe brotam espinhos, nem as lagrimas lhe sulcam de sangue as rugas do soffrimento; esse que, nos estos da desesperação arrojada, com a mente escandecida de mil reflexões sinistras, com os seios d'alma retalhados de mil ancias de fogo, martyr de seus pensamentos medonhos, lá vae, algoz de si mesmo, arrancar a vida, que lhe seria tão cara; gelar o ardor do sangue, que lhe estuava no coração... não traduz uma dóce verdade, que para elle é o fanal da esperança, a perpétua vida, a eterna duração do homem?

Oh! que se esta crença lhe não bruxuleasse, por entre o mysterio do repouso dos mortos, como a lampada sinistra do seu jazigo, certo não iria topar co'a fronte na mortalha que envolve para elle o frio—do esquecimento.

Sôbre as lapidas negras do sepulchro, o anjo da morte, eleva-lhe o extremo suspiro ao céu, e diz-lhe: acolá, tens patria e amor.

—Depois de haveres passado do horto das agonias por cima dos espinhos da existencia «valha-te a unica ventura no seio da eternidade.»

O que mais soffre n'este destêrro de lagrimas, n'este deserto... de virtudes, sonha a palavra do Senhor na tortura da sua grinalda de martyrios.

O homem, anhelado d'um momento nos paroxismos infinitos d'este oceano de decepções, abica ao porto da salvação, quando penetra o sanctuario da morte.

E involver-se-hia a justiça de Deus no absurdo blasfemo da impiedade, se, depois de deixar a sua creatura no mundo a debater-se nas cadeias da escravidão do mal, a não fizessemos entrar «com o pensamento virtuoso da alma e coração» n'outro mundo de sanctidade e pureza, como o da visão beatifica do Senhor.

(Continúa)

GUIMARÃES FONSECA

